

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

KARLA CHRISTIANE DE GÓIS LIRA

SABERES E FAZERES LABORAIS DE MULHERES E HOMENS DA
COMUNIDADE DE GANGORRA – TIBAU/RN

MOSSORÓ-RN
2019

KARLA CHRISTIANE DE GÓIS LIRA

**SABERES E FAZERES LABORAIS DE MULHERES E HOMENS DA
COMUNIDADE DE GANGORRA – TIBAU/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), Linha de Pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito final para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Dr^a Hostina Maria Ferreira do Nascimento.

MOSSORÓ/RN

2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

G616s Góis Lira, Karla Christiande de
 Saberes e Fazeres Laborais de Mulheres e Homens
 da Comunidade de Gangorra-Tibau-RN. / Karla
 Christiande de Góis Lira. - Mossoró-RN, 2019.
 95p.

Orientador(a): Profa. Dra. Hostina Maria Ferreira do Nascimento.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Identidade camponesa. Saberes e fazeres. Círculo de cultura.. I. Ferreira do Nascimento, Hostina Maria. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

KARLA CHRISTIANE DE GÓIS LIRA

**SABERES E FAZERES LABORAIS DE MULHERES E HOMENS DA
COMUNIDADE DE GANGORRA – TIBAU/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), Linha de Pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito final para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Dr^a Hostina Maria Ferreira do Nascimento.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Hostina Maria Ferreira do Nascimento
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FE/UERN
(Orientadora)

Prof. Dr. Hélio Júnior Rocha de Lima
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FE/UERN
(Examinador Interno)

Prof^a. Dra. Antônia Batista Marques
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FE/UERN
(Examinadora Interna)

Prof^a. Dra. Gerciane Maria da Costa Oliveira
Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA
(Examinadora Externa)

Prof. Dr. Melquisedeque de Oliveira Fernandes
Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA
(Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma maneira de retribuir com palavras o carinho e apoio que recebemos em determinados momentos da vida.

O mestrado me possibilitou experimentar uma nova vida, novos momentos, novas cidades, viagens, novas amizades e mais uma vez experimentar a velha condição financeira chamada “estudante”.

De repente tomei a decisão de sair em busca de novas experiências e de um novo caminho de aprendizagens. Mas não imaginava que aprenderia tanto. Nessa busca por conhecimento, tive medo, mas fui corajosa, sorri, chorei, estudei a noite inteira, estudei o dia inteiro, passei dias sem estudar também, preparei seminários, artigos, textos, relatórios, planejei. Conheci novas cidades, experimentei a arte da docência, penei durante a arte de ser estudante, fiz amigos para vida toda e aprendi muito com eles, tive o apoio dos velhos e novos amigos e da família, apoiei novos amigos e velhos também. Com as disciplinas e professores, penei com uns e me diverti com outros, mas com todos aprendi muito, por fim, estudei, estudei, estudei.

Agora quero com muita alegria chegar ao fim dessa etapa de minha vida agradecendo a meu Deus, que foi fiel em todos os momentos e me manteve de pé diante das dificuldades.

Agradecer com todo amor a minha orientadora, Professora Hostina Nascimento, que foi minha professora em sala de aula e na vida, uma das pessoas mais admiráveis que já conheci. Seus ensinamentos sempre com amorosidade me fizeram conhecer o lado encantador da educação, e me fizeram entender que nunca é tarde para aprender algo, me fizeram compreender que o meu saber tem valor, mas que terá mais valor se associado ao saber do outro. Agradecer por ter aguentado minhas falhas, minhas limitações e ausências e quero dizer que, independente do caminho que eu seguir daqui pra frente, ela estará sempre comigo em seus ensinamentos e em meu coração.

Quero agradecer com muito amor a minha família (mãe, pai, irmãs, sobrinha, cachorro, namorado, tios, tias, primos e primas, saudosos avós), meu maior tesouro aqui na terra, meu alicerce, minha maior referência de vida, a paz que eu gosto de ter, meu coração batendo fora de mim.

Quero também agradecer aos amigos, novos e velhos, sem vocês essa caminhada não teria o sentido que teve. Obrigada pelas tantas risadas e por tantos ombros quando precisei chorar.

Por fim, quero agradecer ao PET Pedagogia, afinal, foi lá que tudo teve início, minha escola dentro da universidade, minha família dentro da universidade, meu aconchego dentro da universidade, minha fonte de aprendizagem dentro da universidade. E quero agradecer ao Grupo de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular, por tantos anos de aprendizagem, sem vocês essa pesquisa não seria possível, obrigada a todos que me apoiaram. Agradeço a todo o setor administrativo do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) e a todos os professores.

RESUMO

O trabalho em pauta, inserido na educação popular atuante no campo, apresenta como objeto de estudo saberes e fazeres laborais de mulheres e homens da Comunidade de Gangorra – Tibau/RN. Para estudá-lo, questionamos quais as práticas utilizadas por esses moradores para manter esses saberes e fazeres; de que forma o processo de modernização da sociedade a que a Comunidade está submetida tem interferido na sua conservação; e qual sua relação com a identidade pessoal, familiar e comunitária dos participantes da pesquisa. A partir da interação próxima e constante com esses sujeitos, foram problematizadas a agricultura familiar, a monocultura e o artesanato, atividades laborais apontadas por eles como as mais atuantes. Para tanto, Paulo Freire e Augusto Boal foram os autores que proporcionaram as bases teórico-metodológicas voltadas para o Círculo de Cultura e o Teatro Fórum, principais dispositivos de pesquisa. O estudo permitiu conhecer mais sobre a construção identitária dos participantes, o que eles trazem de sua ancestralidade com relação a seus saberes e fazeres laborais e compreender alguns caminhos de lutas e conquistas sociais do povo camponês. Permitiu, também, uma maior aproximação com a educação popular arraigada nas histórias de vida, tendo em vista que se trata de uma educação que valoriza as diversas culturas das populações em busca de consolidar e construir novos saberes.

Palavras-chaves: Identidade camponesa. Saberes e fazeres. Círculo de cultura. Teatro fórum.

ABSTRACT

The work on the agenda, inserted in popular education active in the field, presents as an object of study the knowledge and labor practices of women and men of the Community of Gangorra - Tibau/RN. To study it, we questioned what practices were used by these residents to maintain this knowledge and doings; how the process of modernization of society to which the community is submitted has interfered in its conservation; and what its relationship with the personal, family and community identity of research participants. From the close and constant interaction with these subjects, family farming, monoculture and crafts were problematized, and the labor activities pointed out by them as the most active. To this end, Paulo Freire and Augusto Boal were the authors who provided the theoretical and methodological basis for the Circle of Culture and the Forum Theater, the main research devices. The study allowed to know more about the identity construction of the participants, what they bring from their ancestry in relation to their knowledge and labor practices and to understand some of the paths of struggles and social conquests of the peasant people. It also allowed for a closer approach to popular education rooted in life stories, given that it is an education that values the various cultures of the population in search of consolidating and building new knowledge.

Keywords: Peasant identity. Knowing and doing. Circle of culture. Forum theater.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. PERCURSO METODOLÓGICO.....	11
2. EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE DE GANGORRA.....	21
2.1 Saberes, fazeres e a Educação Popular.....	22
2.2 Sobre a Comunidade Pesquisada.....	25
2.3.Os círculos de cultura na Comunidade da Gongarrora.....	26
3.1 IDENTIDADE, FAZERES E SABERES DO CAMPO.....	47
3.1 Identidade pessoal, familiar e comunitária.....	47
3.1.1 Identidade pessoal.....	53
3.1.2 Identidade familiar.....	56
3.1.3 Identidade Comunitária.....	59
3.2 ATIVIDADES LABORAIS: AGRICULTURA FAMILIAR; MONOCULTURA; ARTESANATO.....	61
3.2.1 Fazeres laborais.....	62
3.3.2 Saberes laborais.....	67
7.CONSIDERAÇÕES.....	78
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS.....	86

INTRODUÇÃO

No Brasil, o percurso trilhado pela educação popular é bastante significativo e deu-se a partir de experiências e práticas vivenciadas pelas classes populares, independentemente de serem do campo ou da cidade. Os movimentos de educação popular surgiram sob forte influência cultural, política, histórica e filosófica, em cada época, e por isso ela mostrou-se e foi compreendida de diversas maneiras.

Esta compreensão se mostra diversificada devido ao fato de a educação ser vista, de maneira geral, como algo que ajuda na formação do homem, de acordo com o momento histórico vivenciado e a concepção de ser humano, com todas as influências do tempo vivido, o que obviamente traz este entendimento diversificado.

Portanto, levando em consideração essas compreensões e o momento histórico em que estamos vivendo, fazer pesquisa em educação popular e com as classes populares implica em dizer que é necessário existir um diálogo consciente e igualitário no qual a partilha de experiências e saberes se mostra como ponto de partida para que possamos aprender em comunhão.

Na relação de comunhão, conhecimentos são colocados à disposição e respeitados num processo de conscientização de todos e de ampliação do conhecimento acerca daquela realidade. Impossível, pois, nesta relação, tanto girar sem saída em torno do senso comum, quanto girar em torno do conhecimento sistemático do educador, como expressão inequívoca da realidade que se quer transformar. (OLIVEIRA et al., 2009, p. 313)

Para isso, é necessário nos engajarmos de maneira participativa na pesquisa, não como aquele pesquisador que só observa e pergunta, mas como aquele que observa, pergunta, fala, ouve, participa e aprende junto, mostrando essa comunhão, procurando caminhar junto com os atores, pressupondo que eles não são objetos, são, sim, agentes colaboradores essenciais para o processo de sua construção.

Diante destas considerações, este trabalho dissertativo se apresenta, entre inúmeras experiências de educação popular, buscando destacar, como objeto de estudo, os fazeres e saberes laborais de mulheres e homens da Comunidade Rural de Gangorra, Município de Tibau – RN.

A pesquisa faz parte de um projeto desenvolvido no formato “guarda-chuva”¹ que acolhe outras pesquisas de professores, egressos e alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/FE/UERN), os quais se entrelaçam e se completam, abordando, cada um, uma temática que conversa com o tema do projeto “guarda-chuva”.

Na perspectiva acima, em parceria com o estudo aqui apresentado foram desenvolvidos dois planos de trabalho da pesquisa “Possibilidades e desafios da pesquisa-formação na interface entre o ensino de graduação e a escola”, realizada entre os anos de 2017 e 2018 e institucionalizada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UERN). Os planos abordaram saberes, fazeres e os fatores que impedem ou dificultam o avanço da alfabetização de jovens e adultos da Comunidade de Gangorra.

Assim como esta pesquisa, o projeto (PIBIC) teve como aporte teórico principal o pensamento de Paulo Freire. E as atividades teórico-práticas foram desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Linguagens (GEPEL) em intersecção com o Grupo de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular (LEFREIRE)². Destacamos, necessariamente, que os saberes e fazeres que o GEPEL/LEFREIRE busca conhecer e compreender estão fincados nas pessoas a partir de experiências vivenciadas durante seu processo existencial. Desta forma, se apresentam diferentes uns dos outros, mas, são igualmente importantes.

Portanto, para estudar o objeto delimitado, questionamos, inicialmente, a título de problema, como esses saberes e fazeres poderiam ser compreendidos na interface campo/cidade? Para respondê-lo, procuramos conhecer esses saberes e fazeres e compreender sua produção, este foi nosso objetivo principal e, em função dele, procuramos identificar alguns desses saberes e fazeres evidenciados por esses homens e mulheres. Antes da qualificação esse trabalho trazia em seu título

¹ O projeto de pesquisa no formato guarda-chuva “Práticas educativas em contextos diversos: contribuições de Vygotsky e Paulo Freire”, coordenado pela Professora Doutora Hostina Maria Ferreira do Nascimento e institucionalizado pelo Fluxo Contínuo para Institucionalização de Projetos da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPEG/UERN através do Edital N° 001/2017, reúne pesquisas de mestrado e iniciação científica de pesquisadores do GEPEL e do GEPES (NASCIMENTO, LIMA, SOARES, 2019, p. 69).

² O LEFREIRE é um subgrupo do GEPEL que desenvolve ações de pesquisa, ensino e extensão.

Fazeres e Saberes laborais de mulheres e homens de Gangorra – Tibau/Rn na interface campo/cidade. Após a qualificação, atendendo a recomendações da banca, resolvemos não dar continuidade ao estudo sobre a interface campo/cidade.

Como dispositivo de pesquisa, foi realizada observação participante de um “círculo de cultura” inspirado nos que Paulo Freire desenvolvia, entre vários promovidos pelo LEFREIRE, utilizando técnicas do Teatro Fórum idealizado por Augusto Boal. Para completar as informações necessárias, foram realizadas entrevistas espontâneas e semiestruturadas. A análise do material produzido no “círculo” permitiu identificar suas falas significativas e, a partir delas, definir unidades temáticas para a problematização, organização e aplicação dos novos conhecimentos.

Esse trabalho está apresentado em quatro capítulos: o capítulo metodológico, no qual trazemos o percurso para construção da pesquisa; os caminhos traçados antes, durante e até a conclusão da escrita final do trabalho. O segundo capítulo, que versa sobre a Educação Popular na Comunidade de Gangorra. O terceiro, sobre aspectos que influenciaram a construção da identidade pessoal, familiar e comunitária dos participantes da pesquisa. No quarto e último capítulo abordamos o que sugere o tema da pesquisa, atividades laborais: agricultura familiar; monocultura; artesanato, levando em consideração aspectos sociais, políticos, culturais e influências ancestrais desses fazeres e saberes dos atores da pesquisa.

1. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa, considerando os caminhos que tivemos que percorrer desde a definição do objeto de estudo e dos objetivos, o aporte teórico que permitiu o diálogo com as ideias apresentadas, os dispositivos de pesquisa realizados na Comunidade de Gangorra – Tibau/RN e os procedimentos de análise e reflexão desenvolvidos para a construção do trabalho dissertativo.

Trazemos, também, pautadas em aspectos da educação popular e da metodologia de pesquisa fundamentada em Paulo Freire, as escolhas e mudanças que ocorreram ao longo dos estudos e o que nos encantou diante das descobertas e inquietações; as razões porque tomamos esses caminhos e as parcerias encontradas no processo de construção do conhecimento; e a compreensão sobre esse processo mediante as interações com os atores da pesquisa e após as importantes considerações feitas pela banca de qualificação.

A pesquisa aqui apresentada traz uma abordagem qualitativa, com realização de um estudo de campo. De acordo com Antonio Carlos Gil:

[...] no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação. [...] num estudo de campo, a ênfase poderá estar, por exemplo, na análise da estrutura do poder local ou das formas de associação verificadas entre seus moradores. (GIL, 2008, p. 57)

Este tipo de pesquisa nos deu a oportunidade de conseguir informações diretamente da realidade dos moradores da comunidade estudada, o que veio ao encontro de nosso objeto de estudo e ajudou a definir os objetivos da pesquisa, os quais trouxeram respostas a várias indagações.

As definições relativas à metodologia foram surgindo aos poucos e tomaram forma durante as aulas no Mestrado em Educação, especialmente dentro da disciplina Seminário de Pesquisa – formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, com ajuda das professoras e dos colegas de sala. A questão

problema e os objetivos passaram por várias, pequenas e significativas mudanças e, aos poucos, chegamos ao objeto de estudo definitivo³. Durante as aulas construímos um mapa conceitual para representar e guiar esta trajetória⁴.

Para conseguirmos contemplar os objetivos propostos, optamos por uma pesquisa qualitativa fundamentada na problematização da realidade de acordo com o pensamento de Paulo Freire.

A pesquisa fundamentada no pensamento de Freire é um prazeroso processo que envolve a elaboração e reelaboração crítica e criativa na busca de estabelecer o diálogo entre a vivência do grupo e a criação subjetiva do pesquisador. As interações são momentos de ouvir, ponderar e assimilar os conhecimentos ofertados pelo outro. A (auto) reflexão promovida nesses momentos permite ao pesquisador enxergar melhor as ações e intenções da pesquisa, contribuindo, assim, para o processo de problematização, conscientização, emancipação e transformação coletiva. (NASCIMENTO; PERNAMBUCO; LIMA, 2017, p. 53)

Nesta perspectiva, nossa metodologia de pesquisa envolvendo a problematização da realidade, procurou se construir pautada no diálogo, ou seja, na ação-reflexão-ação. De acordo com Nascimento, Pernambuco e Lima:

A pesquisa via problematização da realidade, alicerçada em princípios epistemológicos, procura o desenvolvimento de uma estratégia de pensamentos (auto) crítico e criativo que rompe com o formalismo exacerbado da ciência clássica de caráter positivista, sem deixar de ter em mente a extensão e profundidade do processo de produção do conhecimento. (NASCIMENTO; PERNAMBUCO; LIMA, 2017, p. 52)

É esse romper com o formalismo exagerado das metodologias de pesquisa e o desenvolvimento de um pensamento reflexivo que buscamos. Assim, considerando o aspecto da ação-reflexão-ação, teoria e empiria se entrelaçaram a

³ Ao ingressar no mestrado (POSEDUC) a proposta inicial de projeto trazia a continuação dos estudos iniciados no Trabalho de Conclusão de Curso da graduação. Porém, em concordância com a orientadora dessa pesquisa e por entender a relevância que as experiências vivenciadas com a participação no LEFREIRE estavam trazendo para minha formação, resolvemos por bem enveredar por esses caminhos que há muito tempo nos atraí, deixando a pesquisa anterior, não menos importante, para outro momento.

⁴ Esse esquema estará exposto logo mais na página 18.

tudo momento, numa perspectiva dialética⁵ através dos dispositivos que acompanhamos como o círculo de cultura e o teatro-fórum, estratégias não impositivas, mas problematizadoras.

O estudo de campo de cunho qualitativo e problematizador que adotamos ajudou a enfrentar o desafio de pesquisar lado a lado com pessoas que faziam parte do cenário e da realidade estudados, possibilitando uma maior e melhor interação com essas pessoas, principalmente por se tratar de homens e mulheres de hábitos considerados simples. Esta perspectiva de pesquisa ancorada na educação popular tem apostado em metodologias embasadas a partir do diálogo e estimulado as lutas coletivas das classes mais pobres da sociedade.

A partir dessa perspectiva e pelo fato de nosso trabalho estar pautado dentro da educação popular, foi realizada uma breve revisão literária no portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), fazendo o levantamento, em programas de pós-graduação *stricto sensu*, de trabalhos que abordassem a questão da educação popular entre os anos de 2008 e 2018.

Para que pudéssemos traçar caminhos em busca de materiais que ajudassem a enriquecer o estudo, procuramos identificar trabalhos que abordassem este conceito de maneira relevante, localizando os teóricos mais citados em seu referencial, observando sua metodologia e destacando, sempre que fossem encontrados, conceitos complementares que, a priori, pretendíamos abordar, tais como monocultura, multiculturalidade, e saberes e fazeres laborais do homem do campo.

Iniciamos nossa busca por assunto, utilizando a expressão “educação popular”; depois buscamos por títulos e palavras chaves; em seguida filtramos a busca pelos anos em que os trabalhos foram feitos; em seguida analisamos os resumos, objetivos, considerações e referências, assim, chegamos a um número mínimo de trabalhos para a análise final.

Em meio a primeira fase da pesquisa, esta leitura flutuante nos deu uma breve visão e surgiram as primeiras impressões sobre qual perspectiva e em qual contexto a educação popular se inseria em cada trabalho. A partir desta breve

⁵ Esta compreensão epistemológica percebe a relação entre sujeito e objeto no âmbito das interações sociais que se elaboram historicamente (SEVERINO, 2000).

revisão literária pudemos aprofundar o estudo do conceito teórico principal e dos conceitos secundários que fundamentaram as atividades práticas da pesquisa.

Geralmente, o estudo teórico é feito antes do estudo de campo e consiste em reunir informações que dialoguem com o problema de pesquisa. No caso desta pesquisa, o estudo foi realizado concomitante às atividades práticas, tanto individualmente como de maneira coletiva, com os integrantes do GEPEL/LEFREIRE participantes da pesquisa PIBIC desenvolvida na Comunidade da Gangorra, ajudando a consolidar as escolhas que deram suporte para a pesquisa de campo.

Este exercício de ação-reflexão-ação se fortaleceu, no decorrer da construção deste trabalho, com a manifestação dos três momentos pedagógicos (ANGOTTI; DELIZOICOV; PERNAMBUCO, 2002): o estudo da realidade (ER), a organização do conhecimento (OC), e a aplicação dos conhecimentos (AC).

O caráter inter-relacional e complexo desta “dinâmica de atuação docente” (ANGOTTI; DELIZOICOV; PERNAMBUCO, 2002) contribui com a pesquisa na medida em que o estudo da realidade (ER) é o despertar do interesse sobre as situações da realidade que demonstram e requerem a necessidade de estudo para interpretá-las, instigando ações transformadoras. A organização dos conhecimentos (OC) é o estudo das questões da problematização fundamentado teoricamente. E a aplicação dos conhecimentos (AC) permite que características gerais do conhecimento construído possam ser aplicadas a compreensão de outros conhecimentos, fenômenos e situações. (NASCIMENTO; PERNAMBUCO; LIMA, 2017, p. 54)

Entendemos que o estudo da realidade (ER) é a observação em caráter investigativo que fazemos na localidade, instituição, grupos ou situações que pretendemos estudar, observação essa, que não é feita através de impressões advindas apenas do olhar do pesquisador, mas se amplia nas interações vivenciadas em meio aos olhares dos que estão envolvidos no estudo. É o que o LEFREIRE tem feito na Gangorra, desde o nosso primeiro contato, através dos círculos de cultura realizados a partir do ano de 2015 (COSTA; SILVA; NASCIMENTO, 2017); (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016).

Diante desse estudo da realidade vão surgindo situações-limites que nos fazem refletir e que vão dando suporte ou caminhos para a pesquisa. Ainda de acordo com Nascimento, Pernambuco e Lima:

Situações Limites são problemas significativos cuja fala de quem os vive revela o limite da compreensão de suas contradições pela percepção de que só existem para eles soluções isoladas e pontuais. Seu desvelamento exige conhecimentos a serem acionados a partir da visão externa dessas contradições e da organização dialógica da prática educativa. (NASCIMENTO; PERNAMBUCO; LIMA, 2017, p. 55)

Já a organização do conhecimento (OC), fazemos quando coletamos uma certa quantidade de informações através do (ER) e selecionamos as que mais se apresentam como relevantes ao estudo. Fazemos um recorte e separação desses conteúdos e os organizamos de acordo com a temática que queremos estudar em diálogo com os conceitos teóricos selecionados para a fundamentação.

E a aplicação do conhecimento (AC) desenvolve-se a partir da organização do conhecimento, gerando novas ações e novos conhecimentos construídos ao longo do processo de formação e pesquisa. Novas situações-limites podem ir surgindo ao longo do processo da aplicação do conhecimento, o que pode nos levar a fazer o processo novamente.

A problematização instrumentalizada pelos três momentos pedagógicos que observamos de maneira participante no GEPEL/LEFREIRE acontece através de atividades inspiradas nos círculos de cultura idealizados por Paulo Freire. “Os Círculos de Cultura são precisamente isso: centros em que o povo discute os seus problemas, mas também em que se organizam e planificam ações concretas, de interesse coletivo” (FREIRE, 1980, p. 28).

Seja na pesquisa de campo, nos estudos de caso, na pesquisa-ação, na pesquisa qualitativa educacional ou na pesquisa etnográfica, acreditamos que os círculos de cultura são utilizados por sua dimensão que abrange e engloba ação, transformação, culturas e saberes, o que faz possível esse diálogo dentro da educação, pois os círculos se formam e transformam através da participação e seus membros, levando em consideração suas culturas e saberes.

Nos círculos de cultura realizados pelo GEPEL/LEFREIRE na Comunidade de Gangorra são utilizados, entre outros dispositivos de partilha coletiva de ideias e construção de conhecimentos o teatro-fórum e o teatro-imagem, modalidades que compõem a estética do Teatro do Oprimido criado por Augusto Boal.

O Teatro do Oprimido e suas técnicas foram apresentados ao GEPEL/LEFREIRE pelo Professor Doutor Hélio Junior Rocha de Lima da Faculdade de Educação (FE/UERN), pois estamos sempre discutindo e procurando possibilidades de atuação dialógica do entrelaçamento entre a pesquisa e a extensão. Foi a partir do contato inicial com estas técnicas, bem antes deste trabalho dissertativo ser construído, que fomos atentando para as contribuições deste tipo de dispositivo para o fazer da pesquisa.

No círculo de cultura em que a observação participante sistematizada permitiu a produção teórica aqui apresentada, a ideia da utilização destes dispositivos surgiu pelo entendimento de que através dele seria possível trabalhar problemas cotidianos daquela população, problemas esses que estão inseridos nas mais diversas camadas populares de nosso país, principalmente as populações camponesas.

Após a realização do círculo de cultura e da ação teatral e dispondo do registro autorizado das falas produzidas através de vídeos, áudios, fotografias e entrevistas gravadas com pessoas que fazem parte daquela população camponesa, fizemos a transcrição desse material. As entrevistas foram feitas durante o Círculo realizado para a construção desse trabalho, durante a organização de pequenos grupos, em meio aos debates e conversas sobre a Comunidade, foram surgindo a oportunidade de entrevistar alguns moradores e assim fizemos.

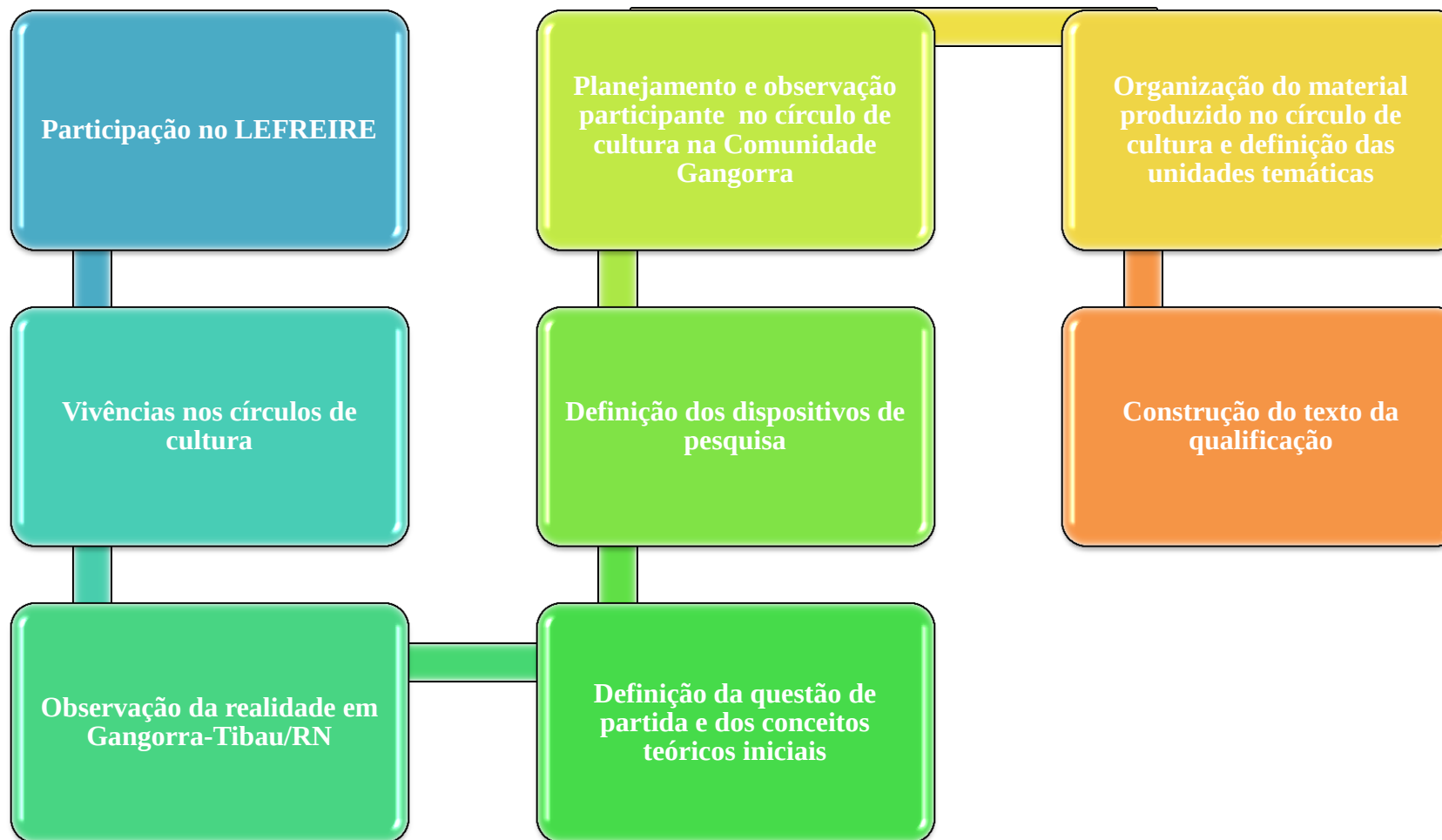
Em seguida, junto com os pibicianos (alunos do Curso de Pedagogia que fizeram parte da pesquisa de iniciação científica) transformamos essas transcrições em textos escritos para que pudéssemos fazer uma análise mais detalhada do material e, com isso, identificar falas significativas e, a partir delas, definir unidades temáticas para a problematização, organização e aplicação dos novos conhecimentos.

As unidades temáticas são problematizadas através de diversos dispositivos construídos coletivamente. O diálogo entre o produto das atividades coletivas e os fundamentos teóricos ajuda a estudar as questões problematizadoras das unidades temáticas e, assim, ir

construindo coletiva e paulatinamente as relações entre os fenômenos que compõem a parcela da realidade que está sendo estudada. (NASCIMENTO; PERNAMBUCO; LIMA, 2017, p. 58)

As unidades temáticas foram definidas em meio as falas dos moradores durante o círculo de cultura, em consonância com os conceitos que iam sendo levantados no estudo teórico referentes ao problema da pesquisa. Após sua definição, partimos para a construção do texto que foi apresentado à banca de qualificação da dissertação. O mapa conceitual abaixo explicita o processo vivenciado até a construção do texto da qualificação.

Figura 1: Mapa Conceitual: Esquema metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Após a qualificação, a partir das considerações feitas pela banca, resolvemos não dar continuidade ao estudo sobre a interface campo/cidade por entendermos que focar mais na parte do “saber-fazer” dos moradores da Comunidade, especialmente relativo à agricultura e ao artesanato, seria mais significativo para a pesquisa, pois foram esses saberes que mais nos aproximaram desta realidade.

A definição das unidades temáticas permitiu a fragmentação e desmontagem dos textos já escritos, produto das transcrições do círculo de cultura. A “desmontagem” dos textos, “[...] também denominado de processo de unitarização, implica examinar os materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados” (MORAES, 2003, p. 191).

Encontramos, no processo de categorização, a relação entre as unidades temáticas e os conceitos teóricos. Roque Moraes nos fala sobre esse processo:

Estabelecimento de relações: processo denominado de categorização, implicando construir relações entre as unidades de base, combinando-a e classificando-as no sentido de compreender como esses elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos, as categorias. (MORAES, 2003, p. 191)

Os dois processos acima citados nos levaram a uma terceira fase do processo de análise que foi a melhor compreensão do todo. As relações estabelecidas entre o todo, as unidades temáticas que foram surgindo e os caminhos que a pesquisa nos possibilitou traçar. A esse terceiro processo Roque Moraes dá o nome de “Captando o novo emergente”.

A intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada pelos dois estágios anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa nova compreensão, assim como de sua crítica e validação, constituem o último elemento do ciclo de análise proposto. O metatexto resultante desse processo representa um esforço em explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores. (MORAES, 2003, p. 191)

Esta impregnação, a partir da leitura mais fragmentada e da ressignificação dos textos, transcritos e escritos, nos deu suporte para traçar novos caminhos para a pesquisa. Apesar desta fragmentação dos textos causar um certo temor inicialmente, a compreensão que vamos tendo durante o processo nos dá uma visão mais geral do que está sendo pesquisado e do que está sob as entrelinhas.

Ao longo da apresentação e discussão desses elementos, pretende-se defender o argumento de que a análise textual qualitativa pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos do *corpus*, a *unitarização*; estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. Esse processo em seu todo pode ser comparado com *uma tempestade de luz*. O processo analítico consiste em criar as condições de formação dessa tempestade em que, emergindo do meio caótico e desordenado, formam-se *flashes* fugazes de raios de luz iluminando os fenômenos investigados, que possibilitam, por meio de um esforço de comunicação intenso, expressar novas compreensões atingidas ao longo da análise. (MORAES, 2003, p. 192)

Com a compreensão que tivemos em função do processo de análise percebemos, entre as falas dos entrevistados, o foco de nossa pesquisa e chegamos a ter clareza de que, entre todo este processo, o círculo de cultura e as entrevistas espontâneas e semiestruturadas nos trouxeram um rico e vasto material para que pudéssemos fazer as escolhas das unidades temáticas definitivas de nosso trabalho.

As orientações para o trabalho, as sugestões dadas pela banca de qualificação e a vontade da pesquisadora em querer saber, de maneira menos subjetiva, detalhes sobre a vida daquele povo camponês permitiu a sistematização definitiva das unidades temáticas desta pesquisa: Identidade pessoal, familiar e/ou comunitária dos participantes; Trabalho/atividade laboral: agricultura familiar e/ou monocultura, Artesanato; e Saberes laborais.

2. EDUCAÇÃO POPULAR NA COMUNIDADE DA GANGORRA

Este trabalho dissertativo emergiu de diversas experiências vivenciadas durante atividades de pesquisa, extensão e ensino realizadas pela intersecção do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Linguagens (GEPEL) com o Grupo de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular (LEFREIRE) ambos da Faculdade de Educação (FE/UERN). Entre elas destacam-se os círculos de cultura, os quais nos oportunizam conhecer, conversar e aprender com pessoas diversas.

Dentro das atividades do GEPEL/LEFREIRE pudemos vivenciar diversas experiências que certamente foram bastante relevantes para nossa formação. Atividades que nos fizeram conhecer a história de vida de muita gente, pessoas do nosso convívio diário, membros de outras instituições, colegas de estudos, professores, pessoas de comunidades rurais e urbanas, entre outras.

Essas atividades ganharam, nesse sentido, dimensões dialógicas, pois reconhecer a importância da cultura local foi deslocando-se do eixo educacional para o cultural devido às inúmeras experiências que foram surgindo através dos diálogos entre os participantes. O processo de ensinar e aprender foi expressando valores culturais de maneira horizontal, o que nos permitiu ampliar nossa leitura de mundo, o autorreconhecimento, e o reconhecimento de nossa própria cultura. Durante as atividades de pesquisa e extensão conhecíamos um pouco sobre o trabalho das pessoas, sua escolarização, o modo de vida de cada um, seus sonhos, seus projetos de vida, suas expectativas de futuro, entre outras coisas.

As atividades realizadas resultam na produção de artigos publicados em livros, periódicos e anais de eventos, resumos expandidos, projetos de pesquisa e extensão, alguns já concluídos e outros em andamentos, num fluxo que aponta para a permanência a longo prazo desse grupo de pesquisadores extensionistas.

O GEPEL/LEFREIRE chegou à Gangorra pela primeira vez em 2015, atendendo a convite de uma participante do Grupo, professora formada pelo Curso de Pedagogia da UERN, atuando no Programa Brasil Alfabetizado⁶. As aulas aconteciam na garagem de sua residência e sua filha, também participante do

⁶Voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. [...] O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Na Comunidade da Gangorra ele atuou durante alguns anos, porém atualmente está desativado embora haja a demanda entre os moradores.

LEFREIRE a ajudava nas tarefas pedagógicas. Mesmo diante das dificuldades enfrentadas, as duas não mediam esforços para que as aulas acontecessem, muitas vezes, independentemente da atuação do poder público, uma vez que o Programa se caracterizava como sazonal.

A cada visita realizada, nos familiarizamos mais ainda com esses sujeitos os quais trazem em seus rostos, em suas falas, em suas lágrimas as marcas de uma cultura forte de lutas e conquistas que ao longo do tempo se enraízam naqueles atores e autores de tantas histórias. Cada encontro nos proporciona novas questões de pesquisa, novas possibilidades de atuação, nos faz querer retornar àquela pequena comunidade que tanto tem a oferecer para nós que buscamos a cada dia um diferencial em nosso processo formativo.

A interação foi ficando cada vez mais estreita a ponto de percebermos a ausência de alguns moradores nas reuniões e, geralmente, as explicações que ouvimos sobre tais ausências estão voltadas ao fato de trabalharem fora da Comunidade ou em uma distância considerável de suas casas, necessitando realizar longos e cansativos percursos. O fato foi nos despertando cada vez mais o interesse pela temática da relação entre o trabalho e os saberes desses moradores.

2.1. Saberes, fazeres e a educação popular

Por ter emergido a partir da interação com os moradores da Comunidade da Gangorra, a ideia para esse trabalho dissertativo seguiu o rumo da educação popular, já que o que mais aprendemos com aquelas pessoas é o muito dessa educação que cada um traz arraigada em suas histórias de vida. Tendo em vista que se trata de uma educação que valoriza as diversas culturas das populações em busca de consolidar e construir novos saberes é que a temática aqui estudada está imbricada dentro deste campo teórico e desta modalidade de educação.

Segundo Hostina Nascimento, a educação popular é um movimento participativo e emancipatório dirigido às classes populares que permite a elaboração coletiva de saberes fundamentada no diálogo (NASCIMENTO, 2010, p. 168). Portanto, o trabalho está pautado na dimensão da cultura popular, dentro da educação popular, por entendermos que as classes populares são possuidoras de saberes que até hoje não são devidamente valorizados, ou nem sempre são

valorizados, e muitas vezes excluídos do conhecimento que historicamente vem sendo construído e conservado pelas sociedades em geral.

Nas pesquisas em educação popular, geralmente, existe uma forte tendência de inserção no contexto estudado de forma ativa e participante, tornando os participantes coprodutores dos conhecimentos que ali são gerados. Assim sendo, entendemos que o ato de pesquisar envolvendo classes populares requer uma pesquisa na qual no início, meio e fim estaremos falando não para as pessoas e sim com as pessoas, de maneira a implicar em um diálogo estabelecido entre os sujeitos de forma igualitária em que um aprenda com a experiência do outro.

Neste sentido, destacamos a seguinte fala de Freire:

Se, de um lado, não posso me adaptar ou me ‘converter’ ao saber ingênuo dos grupos populares, de outro, não posso, se realmente progressista, impor-lhes arrogantemente o meu saber como verdadeiro. O diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua ‘incompetência’ para explicar os fatos. (FREIRE, 1996, p. 81)

A partilha de experiências tornou-se nosso ponto de partida, percurso e chegada. Isto porque a escolha por pesquisar com sujeitos do campo está atrelada à necessidade de interagir com pessoas que estão, de certa forma, invisíveis para grande parte da sociedade, sendo compreendidos como “[...] os homens e as mulheres que não tem a possibilidade – uma vez que esta lhes é negada – de ter a identidade reconhecida fora de seus grupos e comunidades de origem, encontrando-se oprimidos pelo desrespeito à sua relevância histórica, social ou cultural” (SOUZA; AMARAL, 2009, p. 3).

Esses atores que tantas histórias têm para contar mesmo que, muitas vezes, invisíveis para os poderes públicos e parte da sociedade são, também muitas vezes, as bases que sustentam a renda desse país junto ao agronegócio que vem crescendo a cada dia, são quem produz o alimento e que, em sua maioria, têm seus saberes desprezados pela sociedade em geral, ou não valorizados, tornando-se cada vez mais uma classe de oprimidos.

Geralmente os saberes dessas populações camponesas surgem a partir de experiências concretas que, em sua maioria, são vivenciadas e adquiridas passando de pais para filhos por intermédio dos fazeres cotidianos. Valla (1996, p. 179) diz

que: “É provável que dentro da concepção de que os saberes dos profissionais e da população são iguais esteja implícita a ideia de que o saber popular mimetiza o dos profissionais. Se a referência para o saber é o profissional, tal postura dificulta a chegada ao saber do outro”.

Nossa postura preconceituosa diante do saber do outro não nos deixa ver que não são saberes que estão postos em uma hierarquia, mas saberes diferentes e não menos importantes. Esse preconceito só dificulta o contato com o saber do outro, fazendo com que não haja uma construção de conhecimentos a partir da troca de experiências.

Acreditamos que com uma pesquisa que se encontra pautada dentro da educação popular temos a oportunidade de vivenciar o que Freire no diz, ou seja, “deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares” (FREIRE, 1983, p. 36), estando conscientes de que o processo de aprendizagem não se limita apenas ao conhecimento técnico, mas aos que são provenientes de uma educação popular, das classes menos favorecidas, dos movimentos sociais, entre tantos que favorecem o exercício da cidadania, o reconhecimento e o respeito ao saber do outro e à diversidade cultural.

Freire (2005, p. 118) defende a ideia de que “quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos”. Procuramos, a partir de ideias como esta, desenvolver nossa pesquisa, pensando e dialogando junto com os camponeses de Gangorra, buscando construir esse momento de educação e aprendizagem com mais riqueza de detalhes, partindo de uma visão compartilhada, de saberes compartilhados, de reflexões em conjunto, fundamentadas no diálogo.

A educação popular tem visado contribuir cada vez mais para o processo de mobilização das classes mais necessitadas. De acordo com Freire (1994, p. 126), “hoje ainda e possivelmente por muito tempo, não é possível entender a história sem as classes sociais, sem seus interesses em choque”. A educação popular tem sido referência na valorização dos saberes populares articulados aos saberes científicos, pautando-se em uma teoria que se referencia a partir da realidade dos sujeitos em busca de uma transformação política, social e, porque não dizer, pessoal.

Tentamos mostrar em nossa pesquisa o quão é relevante construirmos conhecimentos que formam e transformam, advindos do conhecimento do povo, com o povo e para o povo. A fim de provocar conhecimentos, leituras e reflexões da realidade, do ponto de vista daquele que é e sempre foi oprimido, nos levando a um

processo que vem ultrapassar as fronteiras dos livros e das letras e consegue se construir e se reconstituir mediante as relações sociais que são e se tornarão históricas.

2.2. Sobre a comunidade pesquisada

A Comunidade de Gangorra – Tibau/RN está localizada as margens da Rodovia 013, entre Grossos/RN e Mossoró/RN. As informações históricas e sobre dados populacionais nos foram repassadas por moradores através de conversas, documentos oficiais e registros fotográficos e complementadas em visita à Prefeitura de Tibau e consulta à internet. Apesar de boa parte das informações recolhidas não estarem documentadas, foram transmitidas com elementos essenciais por vários moradores, o que demonstra seu conhecimento sobre a história e da cultura daquele lugar, repassadas de geração a geração.

Em visita a Prefeitura de Tibau, não encontramos nenhum documento oficial que comprove a origem da Comunidade, mas tivemos acesso a Lei Estadual 6.840 de 21 de dezembro de 1995, publicada no Diário Oficial (Anexo 1), que desmembrou Tibau, até então pertencente ao Município de Grossos, e o transformou em cidade, mostrando, também, os distritos que passaram a fazer parte do novo município, incluindo Gangorra.

Através de documentos pessoais e depoimentos de moradores pertencentes às primeiras famílias que povoaram o local, constatamos que o seu surgimento se deu entre os anos de 1800. Em conversa com uma das moradoras mais antigas, tivemos acesso ao registro de casamento (Anexo 2) de um morador pertencente a umas das primeiras famílias que chegaram ao lugar. De acordo com este documento, ele nasceu em 1892 e, conforme informações orais, se criou e faleceu na Gangorra. A Comunidade pertencia, à época, ao Município de Areia Branca. Por ocasião da criação do Município de Grossos através do desmembramento de Areia Branca pela Lei Estadual 1.025, publicada em 11 de dezembro de 1953⁷, passou a pertencer a este Município e, posteriormente, a Tibau, conforme apresentado no parágrafo anterior.

⁷ Informações recolhidas no site da Prefeitura Municipal de Grossos.
<http://www.prefeituradegrossos.rn.gov.br/2017/01/historia/> Acesso em 19/10/2019.

Uma professora aposentada que também faz parte de umas das primeiras famílias a chegar na Gangorra e conhece muito sobre a história local, disponibilizou fotos provenientes de atividades escolares realizadas com seus alunos sobre a Comunidade que mostram alguns locais, inclusive as margens do córrego no qual eles tinham alguns momentos de lazer e que de certa forma deu origem ao nome do lugar.

Assim sendo, os moradores mais antigos de Gangorra nos informaram que o nome da Comunidade surgiu a partir de um grupo de pessoas que transitavam pela localidade e passavam por um córrego, que existe até os dias de hoje, onde havia um instrumento feito de madeira que fazia o mesmo movimento de uma gangorra e servia para retirar água, geralmente utilizada para saciar a sede dos animais. Aquelas pessoas nomearam o pequeno lugar em homenagem àquele instrumento de grande importância. De acordo com a moradora que nos disponibilizou o registro de casamento acima apresentado, Gangorra deveria ter se chamado Olho d'água, devido a tantas vertentes que jorravam na Comunidade.

Segundo a agente comunitária de saúde da Comunidade, Gangorra possui por volta de 340 habitantes, dentre eles, um pouco mais de 230 são eleitores. Com relação a prédios oficiais, a Comunidade possui um posto de saúde e apenas uma escola, na qual funciona a educação infantil em salas multisseriadas e os anos iniciais do ensino fundamental. A gestão municipal disponibiliza transporte escolar para que a população possa cursar os demais anos da educação básica em outras localidades.

A maioria dos moradores atuais herdou terras dos seus pais, porém, para suprir algumas necessidades, muitos venderam parte delas. Alguns ainda possuem pequenos lotes nos quais, mesmo enfrentando dificuldades como os grandes períodos de estiagens e poucos recursos para o financiamento de perfurações de poços para suprir um pouco da escassez de água, seguem cultivando principalmente feijão, milho, melão e algodão. E com a criação de animais como aves, caprinos, suínos, entre outros. Entretanto, a agricultura familiar vem sendo pouco a pouco substituída pelo emprego nas fazendas de monocultura de melão.

O comércio local é rudimentar e formado por alguns poucos microempreendedores e pela venda da produção familiar em barracas localizadas geralmente em frente às casas. Segundo informação de uma moradora, existem em média vinte famílias que possuem vendas.

O artesanato também se destaca entre as atividades laborais destinadas a ajudar nas despesas domésticas. Várias mulheres fazem parte de um grupo que trabalha com crochê, confecção de bonecas de pano, bordado, colchas de fuxico, enfeites e guardanapos de cozinha feitos de retalhos e bordados à mão, lembranças para festas e arranjos decorativos⁸. Algumas pessoas fabricam, também, vassouras. Ainda incipiente, a atividade artesanal, ao que parece, não representa significativa fonte de renda para o sustento das famílias.

Desde o primeiro círculo realizado na Comunidade de Gangorra, nas apresentações e depoimentos dos participantes, a questão escolar e trabalhista ficou bem evidenciada, até mesmo pela intencionalidade temática dos círculos que girava em torno destas duas esferas: estudo e trabalho.

Devido à localização de Gangorra permitir o avizinhamento com a vida urbana é que, a priori, vimos a possibilidade de estudar sobre a construção desses fazeres e saberes laborais na interface campo/cidade. A forte relação com o urbano e a saída de alguns moradores para as cidades vizinhas em busca de trabalho nos motivou a tanto. Porém, durante a realização da pesquisa, em atendimento aos encaminhamentos da banca de qualificação, após a realização das atividades do círculo de cultura e em função da análise das falas produzidas, resolvemos não mais adentrar pelo viés da interface com o urbano.

2.3. Os círculos de cultura na Comunidade da Gangorra

Os Círculos de cultura proposto por Paulo Freire são fundamentados basicamente no diálogo, em uma pedagogia libertadora e problematizadora através da qual os participantes interagem, discutem, escrevem, leem e tentam construir e reconstruir a realidade em que vivem. Pautados na *práxis* da ação-reflexão-ação,

⁸ O artesanato daquela Comunidade está frequentemente presente em exposições realizadas pelo LEFREIRE com o intuito de trazer um pouco da cultura popular, mais especificamente o saber-fazer das pessoas envolvidas nessas atividades. Nesses momentos, registrados em fotos, cartazes e vídeos, o Grupo mostra o seu trabalho realizado dentro da Universidade e nas comunidades circunvizinhas. Essas exposições acontecem em eventos como o Viva Rio Branco, promovido sazonalmente pela UERN com a participação de várias faculdades e projetos de ensino, pesquisa e extensão. O evento acontece em um conhecido corredor cultural da cidade de Mossoró/RN.

visam problematizar a realidade dos sujeitos que vivem oprimidos em seus contextos sociais e políticos.

São espaços dinâmicos, de bastante aprendizagem e que contém caráter dialógico, nos quais há uma troca de conhecimentos que promove a ação-reflexão-ação mediante a problematização de situações existenciais, oferecendo contribuições relevantes para a educação, seja nos contextos formativo, político, investigativo, cultural, entre outros.

Acreditamos no potencial dos círculos de cultura como uma ferramenta metodológica que, em sua dimensão epistemológica, proporciona, através deste encontro de “gentes”, a construção não só de momentos de partilhas e saberes, mas de construção de conhecimentos em meio a essa significativa proposta pedagógica que ele é.

Seja na pesquisa de campo, nos estudos de caso, na pesquisa-ação, na pesquisa qualitativa educacional ou na pesquisa etnográfica, acreditamos que os círculos de cultura são utilizados por sua dimensão que abrange e engloba ação, transformação, culturas e saberes, o que faz possível esse diálogo dentro da educação, pois os círculos se formam e transformam através da participação e seus membros, levando em consideração suas culturas e saberes.

Os círculos de cultura realizados pelo GEPEL/LEFREIRE, fundamentados no pensamento de Freire, acontecem de maneira descontraída, dinâmica e com foco em questões sociais principalmente de grupos pertencentes às camadas mais populares da sociedade. Os círculos se formam a partir da experiência, saberes e culturas de seus integrantes, problematizando a realidade, sem métodos prontos nem metodologias com o formalismo e rigidez de outros dispositivos de pesquisa, extensão e ensino.

As atividades desenvolvidas surgem a partir de investigações que fazemos antes sobre o determinado grupo de participantes, ou da comunidade em que será realizado o mesmo, e nessa investigação levantamos possíveis temáticas que estão presentes no contexto das pessoas envolvidas, o que nos dá um norte para podermos assim realizá-los, sem nada muito programado, mas com um possível direcionamento que nos leve um pouco mais próximo da realidade vivenciada pelo

grupo de participantes. Entendemos que não há um modelo pronto e acabado quando fazemos pesquisa e estudos envolvendo pessoas.

A investigação temática, que se dá no domínio do humano e não das coisas, não pode reduzir-se a um ato mecânico. Sendo processo de busca, de conhecimento, por isso tudo, de criação, exige dos seus sujeitos que vão descobrindo, no encadeamento dos temas significativos, a interpenetração dos problemas. (FREIRE, 2005, p. 116)

Cada círculo já realizado pelo GEPEL/LEFREIRE teve características diferentes, mas, sempre buscando essa interação e partilha de experiências em um momento em que o conhecimento se constrói e se expande entre os sujeitos de forma horizontal, que buscam problematizar a realidade em que vive. De acordo com Hostina Nascimento, Erenice Silva e Monaliza Nascimento (2018, p. 16), “A perspectiva freireana de problematização da realidade trata-se de um espaço-tempo de criação, formação de sujeitos cognoscentes, reflexivos e de ação sobre si e sobre o que acontece no seu entorno”.

A participação nos círculos de cultura tem nos permitido, como bem nos mostra as autoras, como sujeitos que se conhecem e reconhecem, refletir e problematizar nossa realidade, ascender esse sentimento de pertença, nos construirmos como seres pensantes e conscientes do que fomos, do que somos e do poderemos ser.

Primeiro círculo de cultura na Comunidade Gangorra

Em uma casa à margem da estrada, a sala de aula improvisada na garagem nos fundos mostrava o amor das professoras pela profissão⁹. As fotos espalhadas pela sala, o carinho na decoração, os trabalhos dos alunos, e o aconchego do lugar nos fez perceber que educação e aprendizagem acontecem na amorosidade. Foi nesse aconchego que o GEPEL/LEFREIRE realizou sua primeira atividade na

⁹ As duas professoras são integrantes do LEFREIRE. Uma é pedagoga, professora concursada da educação básica. A outra, sua filha, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Linguagem – PPCL (Mestrado) da UERN.

Comunidade de Gangorra com uma turma de jovens e adultos que fazia parte do Programa Brasil Alfabetizado, no dia 03 do mês de dezembro de 2014.

Figura 2: Primeiro círculo de cultura na Comunidade Gangorra



Fonte: Arquivo do LEFREIRE

Naquela ocasião estavam presentes alunos dessa turma, seus parentes mais próximos, como filhos, pais, avós, alunos e professores do Curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e professores de outras instituições de ensino, a grande maioria integrantes do grupo de pesquisa e extensão, dentre outras pessoas da Comunidade.

Demos início ao encontro, como sempre, com uma boa conversa em que os participantes individualmente se apresentavam e falavam um pouco sobre sua trajetória pessoal e escolar, experiências de vida que transitavam entre a interface do campo e da cidade, entre a escola e o mundo do trabalho. Todos unidos por um ponto em comum: a compreensão da educação como referência do sentido existencial.

A conversa entre os presentes fluía e a cada experiência compartilhada conhecíamos mais uns sobre os outros a partir dessa existencialidade, dessa consciência de quem sou eu, de quem é o outro e quais os nossos papéis na sociedade em que estamos inseridos. A partir dos depoimentos, pudemos perceber na fala dos alunos as razões do abandono precoce dos estudos, a necessidade de trabalhar para ajudar a família e a dificuldade do acesso à escola. E como motivo do seu retorno à sala de aula, a confiança no poder transformador da educação.

Os depoimentos foram acontecendo de forma espontânea, aos poucos e de maneira bem simples. A vida de cada um ia se revelando em meio aos sorrisos e lágrimas, a timidez ia ficando de lado e sonhos iam sendo mostrados nas expressões de cada rosto. A partilha de experiência nos proporcionou um momento ímpar, de extrema emoção e de grande aprendizado para todos.

No momento da troca de conhecimentos, quando os participantes estiveram à vontade para falar de si mesmos, trazendo em seus depoimentos seus medos, traumas, experiências e conquistas, aprendemos uns com os outros, refletindo acerca de nossa formação, das mudanças ocorridas na educação durante os anos, e de que forma essas mudanças foram contribuindo para que hoje possamos estar mais inseridos nas escolas, ainda com muitas dificuldades, mas com um pouco mais de oportunidades, vendo o quanto é importante darmos valor ao saber do outro, para assim construirmos de forma coletiva os nossos saberes individuais, sabendo que as maiores conquistas da educação brasileira aconteceram com a união do povo. (LIRA; SOUZA; NASCIMENTO, 2016, p. 98-99)

E nesta união de pessoas e em meio aos depoimentos, três destes nos chamaram a atenção. O de uma das professoras, o de um senhor que havia chegado ali com dificuldades, pois se encontrava com uma das pernas fraturadas, e o de uma jovem senhora.

A fala da Professora nos emocionou, mostrou sua dificuldade em proporcionar um bom estudo para seus filhos já que percorrera, no passado, vários quilômetros todos os dias, guiando uma carroça com seus filhos em cima para que eles pudessem chegar até à escola. Ela relatou tudo de uma forma bem-humorada e com bastante entusiasmo, mostrando que os momentos de sofrimento vivenciados

por ela e sua família serviram de ponte para que hoje pudessem realizar vários sonhos.

Em cada fala víamos o conhecimento ser construído, cada depoimento nos fazia perceber que não aprendemos sozinhos. Foi preciso apenas ouvirmos depoimentos simples para que pudéssemos despertar coisas que muitas vezes o ambiente escolar não nos proporciona. Isso nos remete a reflexão de que:

Ninguém aprende sozinho, a aprendizagem torna-se mais fácil e prazerosa quando é conquistada no coletivo. A troca de experiências e a valorização dos conhecimentos de cada um nos leva a um nível de conhecimento bem mais elevado, desfazendo a imagem que prevaleceu por muitos anos, segundo a qual acredita-se que a forma certa para obter o conhecimento é aquela na qual o professor é conhecedor de um saber “total” e a educação é hierarquizada. (LIRA; SOUZA; NASCIMENTO, 2016, p. 99)

A maioria dos alunos da turma só tinha tido contato, na sua curta experiência escolar, com esse modelo de educação hierarquizada e, através daquela pequena sala de aula improvisada, encontravam uma maneira de aprender em que o processo de ensino/aprendizagem procurava acontecer de forma horizontal.

Quando falavam sobre as aulas, os moradores traziam emoção em suas falas. O senhor antes mencionado, durante seu depoimento, falou da satisfação que estava sentindo em estar ali e, em meio às lágrimas, falou da tristeza que as vezes sentia em não poder estar todos os dias na aula por consequência do acidente que sofreu, o qual dificultou a sua ida a escola. Com muito carisma, ele falou da alegria em poder escrever seu próprio nome e em poder ler. A humildade nas palavras, o valor que era dado por cada morador daquela Comunidade a cada etapa vencida em suas trajetórias em busca do saber, nos motivava a querer conhecer a história daquele povo camponês, de hábitos simples e de sorrisos singelos.

Durante o depoimento da jovem senhora, nos chamou a atenção a explicação do motivo pelo qual ela havia retornado à sala de aula. Ela contou com emoção que em uma pequena discussão com sua irmã, esta a teria chamando de “burra”, e que aquele xingamento foi o motivo maior que a fez procurar as aulas das Professoras. Falou ainda, com um belo sorriso no rosto, que com as aulas ela já tinha aprendido a escrever seu próprio nome e que ia aprender muito mais.

Cedo a jovem senhora abandonou os estudos devido à dificuldade que tinha para conciliar estudo e trabalho e pela falta de condição financeira. Casou-se cedo e logo teve que cuidar da casa e dos filhos que vieram.

O povo camponês enfrentou e enfrenta várias dificuldades para se inserir em determinadas camadas da sociedade, tendo em vista que as oportunidades não vêm de maneira igualitária para todos e, em meio as tantas dificuldades, poder estudar se torna artigo de luxo pra muitos e o homem camponês tem que, muitas vezes, optar entre trabalhar ou estudar. Sendo assim, a falta de recursos e oportunidades se torna a principal causa de abandono dos estudos de homens e mulheres. (LIRA; SOUZA; NASCIMENTO, 2016, p. 99)

Muitos foram os depoimentos que denunciavam as dificuldades enfrentadas até hoje pelos moradores daquela Comunidade, a história de um país retratada em fala de pessoas simples, as lutas e trajetórias do povo brasileiro em prol de educação, saúde entre outros direitos que lhes são negados.

Após os depoimentos, seguimos com a programação que tínhamos preparado para aquele momento: uma gincana na qual os alunos formavam grupos e respondiam a perguntas sobre sua realidade e necessidades. E entre emoções e histórias de vida o conhecimento foi sendo construído de forma horizontal, pautado no diálogo e com o exercício de memorização de nossa trajetória escolar e de vida.

Este círculo marcou os participantes de forma significativa. Foram momentos de profunda emoção, muito aprendizado, muita troca de experiência, de maneira que laços de amizade que se formaram ali permanecem até hoje.

Segundo círculo de cultura na Comunidade Gangorra

O segundo Círculo de Cultura ocorreu aos 19 dias do mês de setembro de 2016, no mesmo local do primeiro, na sala de aula improvisada da casa das professoras. O propósito do círculo foi conhecer um pouco mais aqueles moradores que tanto nos encantaram com suas histórias de vida, sua simplicidade, com a forma com que fomos acolhidos em nossa primeira ida à Comunidade.

O convite para participar dos círculos é feito a comunidade pelas professoras, moradoras da Comunidade e integrantes do LEFREIRE, o convite é apresentado em nome do grupo e sempre que queremos realizar qualquer atividade na Comunidade, essas moradoras fazem a ponte entre nós do grupo LEFREIRE e os moradores de lá.

Iniciamos o Círculo com as devidas apresentações, pois alguns dos participantes do GEPEL/LEFREIRE não estiveram no círculo anterior e era a primeira vez que visitavam a Comunidade. Sempre que realizamos um círculo de cultura temos a alegria de ter novos moradores da Comunidade querendo nos conhecer e compartilhar conosco as suas histórias de vida e esses momentos de aprendizagem.

Para que pudéssemos ter um direcionamento em busca de depoimentos que nos levassem a conhecer um pouco mais sobre a história de vida dos participantes, após os primeiros contatos, fizemos uma atividade que consistiu-se em algumas imagens em papel que foram espalhadas nas paredes e no chão da sala. Essas imagens continham figuras e fotos de objetos, paisagens e momentos que possivelmente pudessem lembrar algo da vida dos participantes. As pessoas eram convidadas a passear entre as imagens e escolher as que mais lhe chamassem a atenção, e a partir delas contar algo que as fizessem recordar sobre suas vidas.

Figuras 2 e 3: Dinâmicas realizadas no segundo círculo de cultura da Gangorra



Fonte: Arquivo do LEFREIRE

Assim como no primeiro Círculo, o momento foi de grande emoção e aprendizagem, as imagens nos fizeram voltar no tempo e recordar situações que

marcaram, sonhos guardados, lembranças da vida escolar, da família e da infância surgiram em meio as falas. “É no círculo que a troca de saberes e experiências que emergem das memórias e pensamentos permite acontecer o diálogo coletivo” (SOARES; MEDEIROS; MIRANDA, 2019, p. 131).

Esse olhar sobre o que vivemos nos fez conhecer mais sobre a história da Comunidade e dos sujeitos que ali residem. O momento nos fez perceber que não há limites para o conhecimento, e que a partilha de experiências sempre resulta em aprendizagem, quando pautada no diálogo.

Após os depoimentos emocionados, nos dirigimos para parte de fora da sala de aula, no quintal da casa, e lá fizemos uma grande ciranda, cantamos, dançamos, enquanto nos despedíamos e falávamos sobre o momento. Logo após, fizemos um lanche coletivo e encerramos as atividades.

Terceiro Círculo de Cultura na Comunidade Gangorra

O terceiro Círculo aconteceu aos 22 dias do mês de março de 2017, assim como os demais a serem apresentados, aconteceu na casa de outra moradora de Gangorra e integrante do GEPEL/LEFREIRE¹⁰. O círculo foi nomeado “À luz de velas” devido à falta de eletricidade na Comunidade, causada por muitas chuvas, algo que dificultou também a chegada dos participantes no horário previsto. Então, para darmos início às atividades, tivemos a necessidade de utilizar a luz de velas.

Conforme os convidados iam chegando, se acomodando em uma varanda que circunda a parte externa da casa, a atividade foi se iniciando. Como de costume, os participantes se apresentavam, pois, sempre que há um círculo, tem novos participantes e as apresentações se tornam indispensáveis.

Desde o primeiro encontro na Comunidade, a cada círculo, o número de participantes tem crescido, pois tanto os moradores quanto os lefreireanos têm convidado novos integrantes para se fazerem presentes nesses momentos de grande aprendizagem. Nos primeiros encontros tivemos em média uns vinte participantes, nos demais círculos esse número atingiu tranquilamente mais de trinta

¹⁰ Trata-se de mais uma pedagoga participante do Grupo, cuja família nos acolhe sempre, fiel ao seu compromisso com a inclusão dos moradores da Comunidade.

participantes, em especial o Círculo que foi realizado para a construção dessa pesquisa, teve um público bem significativo, uma média de quarenta ou mais participantes.

Este círculo, por causa de alguns imprevistos, como a falta de luz, não teve a mesma duração de tempo que os demais, por esse motivo após uma breve conversa inicial, fizemos uma rápida atividade nessa área externa, sendo que a proposta inicial era a de se falar também sobre a agricultura, sobre os trabalhos produzidos manualmente, mas devido aos imprevistos nos detemos mais em falar sobre os sonhos de cada um.

Quando a eletricidade retornou realizamos uma atividade que consistia em adultos e crianças pintarem as palmas das suas mãos e assentarem sobre a representação de um tronco de árvore desenhado em uma cartolina colocada no chão com galhos sem folhas. As palmas das mãos impressas formavam as folhas que faltavam e a cada mão que era colocada, seus sonhos eram revelados através dos relatos. As crianças falavam sobre o que elas desejavam para seus futuros, seus desejos mais significativos.

Figuras 4 e 5: No círculo improvisado na longa varanda mãos imprimiram sonhos.



Fonte: Arquivo do LEFREIRE

Os sonhos e os desejos dos participantes regiam o encontro. Os convidados expressavam livremente suas reflexões acerca de seus anseios, suas angústias e suas memórias dentro de um diálogo horizontal e transparente que resultou em muita aprendizagem.

Os círculos de cultura do LEFREIRE constituem-se em encontros que promovem a interação pela qual todos os participantes têm liberdade de refletir, sentir, ser, agir, cultivar, e avaliar o seu fazer com autocrítica. Seu interesse é possibilitar a expressão de forma livre, promovendo o diálogo e a consideração ao outro, visto que cada participante dialoga interagindo com o coletivo e trazendo memórias de culturas vivenciadas no decorrer da vida, constituindo novas descobertas dentro de si. (LIMA; BRITO; LUZ, 2019, p. 140)

O círculo teve como base para o desenvolvimento desses diálogos os relatos que tratavam dos sonhos dos moradores mais jovens daquela Comunidade, até o mais idoso presente. Um momento regado de bastante emoção e alegria. As discussões acerca dos sonhos de cada participante geraram um maior engajamento das pessoas envolvidas na realidade social daquela Comunidade, sendo que a maioria dos sonhos retratava a real condição dos pais e mães de família de Gangorra.

Na visão de Freire, o diálogo se apresenta como elemento para ampliação da consciência crítica sobre a realidade ao trabalhar a horizontalidade. Esse diálogo vivenciado dentro do círculo de cultura aparece como contraponto da dominação e opressão, desta forma, o diálogo é o elemento que mais representa a amorosidade, nas pesquisas em Freire.

No encontro agora relatado foram vislumbradas, pelo olhar das crianças e adultos da Gangorra, formas de pensar melhor o mundo e a realidade da Comunidade, de maneira democrática, incentivando o sujeito a uma participação na qual ele é lançado ao debate espontaneamente, focando sempre nos problemas comuns da Comunidade.

A democracia [...] é forma de vida, se caracteriza, sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas comuns (FREIRE, 1991, p. 80)

Desta forma, Freire apresenta uma educação conscientizadora em que os sujeitos refletem rigorosamente sobre sua realidade, trazendo para a discussão

desde os problemas mais próximos até chegar aos maiores existentes no país e no mundo.

O círculo chegou ao seu final deixando-nos com aquela sensação de que precisamos voltar para falarmos mais sobre nós, sujeitos oprimidos por um sistema que há séculos vive de exclusões e desigualdades.

Quarto círculo de cultura realizado na Gangorra, cenário principal da pesquisa de campo deste trabalho dissertativo.

O protagonismo popular existente nos círculos de cultura realizados em Gangorra é o que mais nos tem encantado. Esse promover da horizontalidade de ideias e saberes nos traz uma rica valorização da cultura local, as histórias de vida, os fazeres e saberes desses povos. Os círculos também nos remetem a uma compreensão educacional dialética e dialógica que remete à contemporaneidade do pensamento de Freire, pois os dispositivos por ele criados, por nós adotados, fazem refletir sobre sua potencialidade como objeto de pesquisa e produção do conhecimento.

Considerando que os mais de cinquenta anos de sistematização do pensamento e da contribuição filosófica e epistemológica de Freire os tornam cada vez mais atuais, faz-se necessário o reinventar desses dispositivos pensando na grande potencialidade que o mesmo tem para contribuir à compreensão e transformação da sociedade.

Pensando assim e a partir do conhecimento construído sobre a realidade da Gangorra é que o GEPEL/LEFREIRE vem idealizando e realizando inovações nos dispositivos dialógicos propostos aos seus círculos de cultura, inclusive os realizados na Comunidade. O Círculo de Cultura cenário principal da pesquisa de campo deste trabalho dissertativo ocorreu no dia 25 do mês de abril de 2018, às quatorze horas, com a presença de grande parte dos integrantes do GEPEL/LEFREIRE e uma considerável participação dos moradores.

Nosso encontro aconteceu na mesma casa onde tínhamos realizado o terceiro aos 25 dias do mês de abril de 2018. A receptividade dos moradores de

Gangorra com o Grupo é algo que tem nos tocado bastante, pois percebemos o quanto essas atividades têm sido importantes tanto para nós que visitamos a Comunidade, quanto para eles que nos recebem.

O trabalho de pesquisa e extensão realizado na perspectiva freireana é algo que nos dá prazer, pois o processo de humanização, de se perceber e perceber o outro nos encanta, nos faz buscar a ação-reflexão-ação de maneira leve e o diálogo nos impulsiona a querer saber mais.

A pesquisa fundamentada no pensamento de Paulo Freire é um prazeroso processo que envolve a elaboração e reelaboração crítica e criativa na busca de estabelecer o diálogo entre a vivência do grupo e a criação subjetiva do pesquisador. As interações são momentos de ouvir, ponderar e assimilar os conhecimentos ofertados pelo outro. A (auto) reflexão promovida nesses momentos permite ao pesquisador enxergar melhor as ações e intenções da pesquisa, contribuindo, assim, para o processo de problematização, conscientização, emancipação e transformação coletiva. (NASCIMENTO; PERNAMBUCO; LIMA, 2017, p. 51)

Como bem nos mostram os autores, a pesquisa e a extensão fundamentadas no pensamento de Freire são ações extremamente prazerosas e este círculo, mais uma vez, nos trouxe muito prazer em vivenciá-lo, pois estive regado de poemas, músicas, dança e, como uma das principais atividades, o teatro, fundamentado no diálogo, efetivando ações construídas na coletividade, através da comunicação entre vários sujeitos.

Considerando que os círculos de cultura da Gangorra buscam, a partir do conhecimento construído em todos esses anos sobre a realidade da Comunidade, promover a vivência de situações em que seus participantes se percebam pouco a pouco como seres críticos e libertadores, o principal dispositivo de partilha coletiva de ideias e construção de conhecimentos inaugurado no círculo agora relatado foi o Teatro do Oprimido criado por Augusto Boal, mais especificamente as modalidades do teatro-fórum e do teatro-imagem.

O “teatro-fórum” trata-se de uma técnica teatral em que seus atores representam uma cena que traz uma problemática, a qual será proposta a seus espectadores para que através de uma nova ação cênica, encontrem soluções para a problemática apresentada inicialmente.

O Teatro Fórum – talvez a forma do Teatro do Oprimido (TO), mais democrática e, certamente, a mais conhecida e praticada em todo o mundo, usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, a estas acrescentando uma característica essencial: os espectadores – aos quais chamamos de Spect-atores – são convidados a entrar em cena e, atuando teatralmente e não apenas usando palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir, ao grupo o qual pertencem, um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação da vida real, e não um fim em si mesmo. (BOAL, 2012, p. 19)

Todos são espect-atores, de forma que protagonizam e transformam a realidade social, agindo na realidade e modificando a cena, em uma linguagem que possibilita um diálogo com o diferente, entrelaçando o teatro com a educação, trazendo novas maneiras de lidar com o saber, buscando uma conscientização através desses exercícios que possibilitam aos sujeitos envolvidos serem atores/autores.

No teatro-fórum os oprimidos veem a oportunidade de assumir as “rédeas de suas vidas”, assumindo as ações e deixando acontecer uma determinada inversão, na qual os oprimidos passam a ter voz, tornando-se possível uma reviravolta no jogo social a partir da intervenção dos espect-atores. De acordo com Fernando Peixoto:

Nesta nova posição [...] ensaia soluções e debate projetos de transformações, exercitando-se a si mesmo, através de um processo artístico que se torna uma espécie de ensaio geral revelador e estimulante [...] para ser agente ativo de seu próprio destino. (PEIXOTO, 1988, p.10-11)

Esta técnica oportuniza as pessoas a discutirem sobre suas relações sociais, suas frustrações e seus desejos com relação ao ambiente social em que vive, de maneira lúdica e com a leveza que os problemas do dia a dia não trazem.

Já com o teatro-imagem podemos, através de nosso corpo, montar a imagem de algo que nos oprime, ou que oprime a sociedade de maneira geral, tentando retratar momentos que representam nossas crises pessoais e sociais. Desta forma experimental, conseguimos descondicionar o nosso corpo e nossa mente do aprisionamento, nos tornando mais críticos e reflexivos.

Para tanto, são escolhidos temas ligados à realidade social e que tenham significado para a maioria do grupo que está vivenciando e, a partir disto, os participantes se espalhavam no espaço cênico como estátuas moldáveis, buscando mostrar, através de sua imagem, situações que os temas trazem. Os espect-atores são convidados a esculpir as estátuas novamente a fim de modificar as imagens-problemas em imagens que considerarem mais ideais. Sendo assim, surge a transição entre o problema em questão e a possível solução, tudo isso através da imagem corporal.

O círculo teve início com a apresentação do poema “O que estilhaça o amor?”, do escritor e cenopoeta Ray Lima, feita por participantes do Projeto de Extensão “Teatro Imagem na sala de aula” da Faculdade de Educação da UERN, por atores do Grupo de teatro “Arruaça”¹¹ e por integrantes do GEPEL/LEFREIRE.

Depois, seguimos com o teatro fórum que em suas cenas, trouxe um pouco da realidade dos moradores da Comunidade, mostrando o trabalho braçal em uma plantação de melão, retratando a exploração daqueles trabalhadores por um patrão extremamente opressor, que pensava a todo custo e tão apenas no lucro que aqueles trabalhadores poderiam render a sua empresa.

Figura 6: Teatro fórum no círculo de cultura

¹¹ O Grupo Arruaça de Teatro Amador é uma entidade civil organizada, sem fins lucrativos, fundada desde 1985, por jovens que brincavam de teatro na escola, nos centros sociais urbanos e unidades preventivas da FEBEM e resolveram formar um grupo independente que já participou de várias atrações culturais promovidas na cidade de Mossoró e montagem de inúmeros espetáculos.



Fonte: Arquivo do LEFREIRE

Apresentaram-se também as dificuldades enfrentadas por uma família camponesa que, em meio aos problemas sociais, trabalhistas, educacionais, políticos, entre outros, lutava para conseguir sobreviver, cada um de acordo e a partir de sua maneira de ver o mundo. E, ainda, uma sala de aula com alunos de educação de jovens e adultos, apresentando as dificuldades de uma professora que tenta, a todo custo, motivar seus alunos para que possam seguir nos estudos. Mostra também, a realidade dos alunos que trabalham o dia inteiro e vêm para sala de aula com toda dificuldade, cheios de cansaço e desmotivados para estudar.

Figura 7: Teatro fórum no círculo de cultura



Fonte: Arquivo do LEFREIRE

Nas fotos acima, uma moradora encena uma realidade possivelmente vivida por muitos membros da Comunidade, pois, após as cenas do teatro serem apresentadas, foi facultado, ao público expectador, a oportunidade de intervir nas cenas e mostrar como eles modificariam cada uma delas, estando eles no lugar das personagens apresentadas.

Dividimo-nos em pequenos grupos, em cada um dos quais estavam moradores da Comunidade e visitantes. A intenção era que houvesse uma breve conversa durante a qual os moradores, inspirados nas cenas apresentadas, trouxessem dificuldades de qualquer ordem enfrentadas por eles em seu dia a dia. E, a partir desses relatos, seriam vivenciadas novas cenas de teatro a serem apresentadas pelos grupos menores ao grande grupo.

Em síntese, o círculo veio como eixo condutor, também em uma perspectiva educacional, com a intencionalidade de abordar assuntos do cotidiano daquelas pessoas, tais como, educação, trabalho, monocultura, opressão advinda do modo de produção capitalista, política, entre outros.

Na vivência da observação participante, entre uma atividade ou outra, moradores foram entrevistados afim de termos o máximo de informações sobre os fazeres e saberes laborais dos mesmos. As entrevistas aconteceram na interação e no improviso, embora tenha havido um planejamento anterior sobre sua realização

para contemplar a temática estudada. Para nós não se tratava apenas de entrevistas, mas de uma boa conversa regada a muitas experiências e emoções.

Em meio a muita alegria, arte e aprendizagem, chegamos ao fim de mais um passo significativo de nossa pesquisa com o compromisso de voltarmos a Gangorra para darmos continuidade às atividades, aprendendo a partir do diálogo, fazendo ciência na amorosidade, partilha e construção de saberes em comunhão.

Quinto Círculo de Cultura realizado na Comunidade Gangorra

Este encontro ocorreu em 19 de dezembro de 2018, sempre a partir daquele momento de receptividade e acolhimento inicial entre os participantes. Como de costume, os moradores da Comunidade saíram das suas casas e cederam um pouco do seu tempo para que pudéssemos realizar o encontro no mesmo local em que ocorreram os dois últimos círculos.

As atividades tiveram início com uma cantoria, feita pelo Professor Doutor Hélio Lima (um dos principais condutores das atividades dos círculos na Gangorra e coringa nas atividades relacionadas ao Teatro do Oprimido), junto aos demais participantes. Após, algumas falas viabilizaram uma espécie de retrospectiva dos círculos de cultura já realizados na Gangorra e, também, sobre o teatro fórum realizado no círculo anterior. Tínhamos a finalidade de avaliar o que vinha sendo realizado com os membros da localidade, a partir do ponto de vista desses participantes.

Durante os Círculos procuramos sempre abordar assuntos atuais e que estejam dentro do contexto social da Comunidade, também questões políticas, históricas e familiares, assim, fazendo com que os sujeitos se conheçam e compartilhem de um mesmo propósito, que é o de aprender juntos, se descobrindo como cidadãos que são donos e escritores de suas próprias histórias.

[...] os círculos de cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimento feitas

pelo educador a ou sobre o educando. Em que se construíam novas hipóteses de leitura do mundo. (FREIRE 1994, p. 155)

Com a ampliação do olhar dos sujeitos sobre sua realidade, dentro desse espaço dialógico em que se ensina e se aprende como nos disse Freire, através de uma consciência crítica e pautados na ação-reflexão-ação, a problematização vai surgindo e permitindo que esses sujeitos se percebam como sujeitos históricos, trazendo esperança e vislumbrando formas de batalhar e de se pensar em uma realidade melhor para si e para os seus.

Diante da problematização que houve durante os outros círculos, buscando uma superação no que diz respeito a uma visão considerada ingênua e partindo para uma visão crítica que seja capaz de levar o sujeito a querer uma transformação do local onde vive, é que levantamos questões reflexivas relativas à presença do GEPEL/LEFREIRE na Comunidade.

Houve, também, uma discussão acerca de possíveis mobilizações da Comunidade em relação à organização em associações e/ou cooperativas como forma de busca por melhorias e reivindicação de direitos, para que pudessem realizar ações coletivas futuras.

Figura 8: Quinto círculo de cultura realizado na Gangorra



Fonte: Arquivo do LEFREIRE

A partir dessas reflexões, pensamos coletivamente ações a serem realizadas nos círculos seguintes. Fizemos, também, o levantamento de possíveis questões e temas de interesse dos moradores que poderiam ser abordados em círculos posteriores. Como já enfatizamos, para Freire (2005, p. 28), “Os Círculos de Cultura são precisamente isso: centros em que o povo discute os seus problemas, mas também em que se organizam e planificam ações concretas, de interesse coletivo”. Realizamos, portanto, um planejamento para que possamos futuramente realizar uma feira, em que cada um mostraria sua arte, seus saberes e fazeres, suas experiências, um momento que trará uma grande partilha e construção de conhecimentos. Para tanto, decidimos compartilhar, nos círculos seguintes, alguns dos nossos saberes e fazeres. A ideia seria primeiro os moradores da Comunidade compartilharem saberes e fazeres para que pudéssemos aprender com eles. E nós do GEPEL/LEFREIRE, em um encontro posterior poderíamos realizar oficinas com temas escolhidos de acordo com necessidades apontadas por eles.

Nos dois primeiros círculos, pudemos perceber que as temáticas se voltaram mais para a questão dos estudos e vida escolar dos participantes, enquanto os três últimos trataram mais de envolvê-los em questões relacionadas ao trabalho, aos saberes laborais daqueles moradores; em questões mais sociais e de certa forma históricas e políticas da Comunidade.

Sexto Círculo de Cultura realizado na Comunidade Gangorra

Este círculo, último registrado por esta pesquisa, nomeado de “Círculo de Cultura Saberes e Fazeres do Campo”, aconteceu aos 24 dias do mês de abril de 2019, sob coordenação Professora Mylani Nathalini Dantas Costa, moradora da comunidade, mestrande e integrante do GEPEL/LEFREIRE.

As oficinas, ministradas pelos moradores da Comunidade tiveram como temáticas: culinária; agricultura familiar; horta e jardinagem; artesanato e apicultura. Os moradores, com muito prazer, mostraram seus saberes e sua arte para o grupo num encontro regado por muita alegria e boa conversa.

Apesar de os círculos de cultura não terem uma fórmula pronta e acabada para sua realização, esse foi especialmente planejado por nós do grupo e pelas

peças de Gangorra. A necessidade da troca de experiência para que pudéssemos construir juntos novos saberes foi o que impulsionou a sua realização.

[...] é relevante levar em consideração que através dos círculos de cultura, de forma indireta e/ou direta, existia e existe o desejo de provocar um novo conhecimento que, para Paulo Freire, é a ampliação significativa do conhecimento de mundo. Assim, as experiências formadoras podem originar-se das vivências dos educadores e dos educandos que juntos constroem uma relação de partilha. (SILVA; XAVIER; BARBOSA, 2019, p. 157)

Esse desejo pelo novo conhecimento citado pelos autores surge a cada encontro com a Comunidade. São novos olhares sobre a realidade constituída em meio às condições materiais que se formam durante a história de um povo que vê sua existência como um processo dinâmico, contraditório, inacabado, dentro de uma complexidade, na qual os sujeitos vão se encontrando e se reconhecendo como seres pensantes e donos de suas trajetórias, sociais, políticas e afetivas.

Dentro da perspectiva de aprender e ensinar, os moradores nos mostraram como produzem o queijo de maneira artesanal. Todo o processo de fabricação foi explicado por um deles, embora o tempo disponível não tenha permitido o “passo a passo” da sua fabricação. Entretanto, um queijo ainda na forma ajudou a ilustrar e saborear o processo.

Figuras 9 e 10: Oficina de confecção de queijo



Fonte: Arquivo LEFREIRE

Os moradores nos ensinaram, também, a arte de cultivar plantas em casa, a forma correta de lidar com a terra e sugestões de adubos feitos a partir das cascas de ovos e de bananas, por exemplo, dentre outras formas de alimentar de forma correta a terra para que as plantas cresçam saudáveis. Das plantas que foram utilizadas na demonstração desse processo estiveram a flor do deserto, os cactos e ervas medicinais. Foram apresentadas também, algumas peças do artesanato local e ensinado o processo de elaboração de uma peça de crochê.

Após as experiências compartilhadas, houve um planejamento sobre o círculo seguinte. Como forma de retribuir os ensinamentos compartilhados, os lefreireanos se comprometeram a realizar oficinas sobre utilização de equipamentos eletrônicos e digitais como caixas de banco, controle remoto de TV e celular. Também sobre edição de fotografias digitais e contação de histórias.

Por fim, encerramos mais uma atividade na comunidade com a certeza de que o processo de construção do conhecimento aconteceu da melhor forma possível, pela troca de experiência, assim, fazendo com que o desejo de realizarmos mais atividades só cresça entre o grupo e que possamos ir longe nesta busca incansável pelo conhecimento que nos liberta de toda opressão.

3. IDENTIDADES, FAZERES E SABERES DO CAMPO

O capítulo apresenta aspectos da identidade pessoal, familiar e comunitária dos participantes da pesquisa, traçando caminhos entre a construção dessas identidades e de seus fazeres e saberes do campo. Aspectos históricos, hereditários, sociais e familiares apresentados nas falas dos moradores da Comunidade da Gangorra são estudados aqui como forma de compreender reflexos dessas identidades sobre a apreensão e conservação desses fazeres e saberes.

3.1. Identidade pessoal, familiar e comunitária

A constituição da identidade é vista hoje em dia como algo relevante, principalmente dentro de áreas de ciências sociais e humanas. Em um mundo contemporâneo cheio de diversidades e pluralidades há a negação de uma identidade que seja homogênea, apresentando a pluralidade dessas identidades que ao longo dos tempos têm sido forjadas dentro de inúmeros processos sociais.

Em toda identidade podemos ver o reflexo de uma sociedade, sendo ela formada de inúmeros papéis e atividades exercidas pelo homem ao longo de sua história. Hall (2006, p. 13) destaca que a identidade está relacionada com a transformação na “modernidade tardia”, especificamente ao processo de mudança identificada como “globalização” e o “impacto sobre a identidade cultural”. Essa globalização é destaque em qualquer sociedade vigente, por isso podemos ver esse reflexo, tanto da sociedade, quanto da globalização na construção da identidade.

Para alguns autores a construção da identidade está diretamente ligada à cultura de um povo, a tudo aquilo a que o ser humano atribui significados em sua trajetória de vida. Castells nos diz que:

A identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. (CASTELLS, 2008, p. 22)

Ao mesmo tempo em que, em nossa identidade, temos particularidades que nos diferenciam uns dos outros, temos particularidades que nos ligam, fazendo-nos iguais. O nosso nome, por exemplo, é algo que nos diferencia da maioria das pessoas, principalmente de nossa família, e com o tempo esse nome se mostra como parte de nossa identidade. Já o nosso sobrenome nos liga aos nossos familiares e nos faz iguais, em cada nome existem particularidades e diferenças bem significativas.

O nome aponta esse reflexo da sociedade em que vivemos, o qual tem origem muitas vezes na religiosidade, na própria história da família, do local de origem, na cultura e sem contar na questão de “status social” que alguns sobrenomes carregam em sociedades capitalistas, entre outros significados. O significado do próprio nome carrega um pouco do que somos, ou do que se pretendia que fôssemos.

Desta forma, indivíduos nascem, crescem, vivem dentro de uma rede de relações, rede essa composta por família, trabalho, religião, comunidade, escola, fatores intrapessoais, interpessoais e culturais, entre tantos que influenciam na formação da identidade desse sujeito. Seja essa identidade, pessoal, familiar ou comunitária, sua formação acontece entre as relações formadas durante o tempo, entre pessoas, em meio às relações sociais.

Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros: a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância e suas sucessivas ampliações de outros círculos de outros: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação. (BRANDÃO, 1986, p. 37)

Apesar da sua formação sofrer tantas influências, como nos diz Brandão, e ser composta de tantos valores e crenças, acreditamos que a identidade do sujeito é uma composição de si, através da qual torna-se único, mesmo carregando um pouco de tudo e de todos que estão ao seu redor.

A construção da identidade faz parte de uma transição em que o ser humano, em contato com seus ancestrais e as pessoas que são de seu convívio, vai se

encontrando e se reconhecendo. O primeiro modelo de identificação está na família, geralmente na figura de pai e mãe, o que traz um pensamento de continuidade. De acordo com Paulo Freire, o que somos faz parte de algo que fomos.

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem através de um hoje. De forma que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos. (FREIRE, 2011, p. 42)

Não sabemos ao certo quando se inicia esse processo de construção da identidade, acreditamos que ainda na infância, mas seja ela qual for, acreditamos ser algo que se constitui ao longo do tempo de maneira gradativa, a partir de experiências sociais, tanto individuais quanto coletivas.

Destacamos que essas identidades, familiar, pessoal e comunitária, apesar de não serem uma essência, estão na essência, geralmente tornam-se preexistentes ao indivíduo em vários aspectos, quando nascemos muito do que seremos já está arraigado na família, nas comunidades, nos ambientes sociais, na memória coletiva, na cultura de um povo e até nas políticas que são impostas, tornando-se a identidade algo multável e não estática.

Características que trazemos em nossas identidades, apesar de advindas de nossos ancestrais, não faz nossa identidade como algo acabado, entendemos que mediante as mudanças sociais, nossa identidade torna-se uma construção.

A identidade não é essência; não é um dado ou fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. O outro é o outro gênero, outra cor diferente, outra sexualidade, outra raça, outra nacionalidade, outro corpo diferente. (SILVA, 2001, p. 97)

Uma vez que, a identidade é algo resultante de uma construção social, traz um caráter dinâmico, o que seguramente para que compreendamos a questão da

identidade do sujeito, faz necessário uma averiguação sobre os olhares acerca desse sujeito, sob várias perspectivas e demandas da sociedade.

De acordo com Hall (2006, p. 13) a Identidade está relacionada com a transformação na “modernidade tardia”, especificamente ao processo de mudança identificada como “globalização” e o “impacto sobre a identidade cultural”. O que só reforça o que temos dito aqui, que a identidade do sujeito se transforma e se constitui de forma temporal.

Entendemos assim, que a identidade do sujeito e tudo o que a constitui (sociedade, cultura, política, significados e linguagens) é construído e constitui-se historicamente, e por esse motivo, em cada identidade, em cada sujeito, estão contidas todas as histórias da humanidade, sendo ela coletiva e individual, pensando-se sempre que para conhecê-la e entendê-la, precisamos levar em consideração o momento histórico, social e econômico em que vive o indivíduo.

Partindo deste pensamento, buscamos conhecer um pouco sobre a identidade dos moradores da Gangorra, sujeitos desta pesquisa e da comunidade local. A partir da memória coletiva, falando sobre o passado, seu dia a dia e relatando sobre suas rotinas e problemas da Comunidade, os atores de nossa pesquisa foram trazendo traços de suas identidades pessoal, familiar, comunitária e também trabalhadora, construídas ao longo dos anos, sendo moldadas a partir das mudanças existentes em seu contexto social, em uma incessante representação de si e do outro.

Em meio a relatos, moradores nascidos e criados na Comunidade de Gangorra, trazem suas histórias de vidas e suas identidades, se revelam mediante gestos, falas, sotaques e costumes próprios de um povo camponês que se orgulha de sua história apesar das dificuldades existentes em seu contexto social. Essa identidade camponesa é bem forte nos moradores de Gangorra, suas falas, sua cultura, suas produções as denunciam. De acordo com Silva:

A identidade camponesa é o reconhecimento do que o identifica, do que lhe é próprio. Ela é caracterizada pelo modo de viver, pelo modo de se relacionar com outros grupos sociais e com a natureza, através do uso que se faz dela, expressos pelos hábitos alimentares e comidas típicas, pela cultura, pela música, pelas danças, pela mística e religiosidade, pelo jeito de produzir e de cuidar da terra. Para o camponês e a camponesa, a terra é o lugar de reproduzir e cuidar da

vida. As sociedades e comunidades tradicionais, nas quais se inserem os indígenas, os quilombolas, os sertanejos, os caiçaras, os caboclos, os extrativistas e, por fim, o campesinato em toda sua sociodiversidade, caracterizam-se pela sua dependência em relação aos recursos naturais. É no aprendizado sobre o funcionamento dos ciclos naturais – de quando chove ou faz seca, sobre as plantas que ali crescem ou os animais que por ali vivem – que nasce e se desenvolve o conhecimento sobre essa diversidade, e que tradicionalmente é repassado de uma geração a outra. Assim se constrói “o modo de vida” de cada povo ou comunidade tradicional e são definidos os seus territórios, espaços onde cada grupo se reproduz econômica e socialmente, auto identificando-se com “o lugar”, por pertencer a uma cultura distinta da demais. Assim é o camponês brasileiro. (SILVA, 2001, p. 453)

Assim, entendemos que o termo camponês, ou essa identidade camponesa, engloba de certa forma a heterogeneidade das identidades de homens e mulheres que trazem essa representação do que seja o campo. Sejam essas pessoas agricultores rurais, extrativistas, pescadores, artesãos ou trabalhadores rurais assalariados, bem como tudo que envolve o trabalho familiar e a comercialização que estão inseridos nessa categoria camponesa. O que nos faz perceber que nossa pesquisa é apenas um grão de areia nesse grande contexto dos saberes e fazeres laborais de mulheres e homens do campo.

Diante de falas como: “Eu nasci e me criei na roça!”, identidades sociais rurais, sobressaem às demais identidades existentes entre nós, não por serem melhores ou mais importantes, mas pela intensidade, história, cultura e orgulho existentes nas falas de alguns dos moradores de Gangorra. E, aos poucos, vamos percebendo os aspectos que compõem essas identidades.

Percebemos que os aspectos que nos fazem considerar uma identidade social do campo partem, primeiramente, da dimensão em que o outro está inserido. É a partir dessa dimensão em que vive o sujeito, que ele vai se constituindo e se reconhecendo como ser social que carrega em si uma história, uma cultura, isso porque entendemos que a construção dessa identidade acontece de modo processual, de acordo com a forma sociocultural em que é produzida. Portanto, a construção dessa identidade não pode ser pensada de maneira homogênea.

Moradores que chegaram aquele lugar ainda em sua adolescência trazem seus relatos de vida e de como foram construindo seu caminhar e sua identidade dentro da Comunidade. Alguns chegaram ainda muito jovens, aos treze, quatorze

anos de idade, e a viram crescer e se transformar, assim como suas identidades pessoais e comunitárias. Trabalhando para seus próprios pais, não em troca de um salário, mas em prol de um futuro planejado por/para eles, juntavam o dinheiro que ganhavam com o suor do trabalho, investindo em um projeto que os pais tinham: o desejo de ver cada um de seus filhos com suas casas próprias.

Quanto a essa organização, estratégias futuras e memória, Lamarche nos fala que:

Os agricultores organizam suas estratégias, vivem suas lutas e fazem suas alianças em função destes dois domínios: a memória que guardam de sua história e as ambições que tem para o futuro. Suas chances de atingir o modelo ideal, ou simplesmente de se aproximar dele, dependerão da complementaridade de seu projeto junto ao que a sociedade elaborou para eles. (LAMARCHE, 1994, p.19)

Pudemos perceber nas histórias de vida desses agricultores e familiares, seus interesses por seguir diferentes caminhos, o que é compreensível. Apesar de viverem em uma mesma realidade social e política, cada família possui suas particularidades e estratégias próprias para conseguir sobreviver e alcançar suas metas, de acordo com as oportunidades que aparecem.

Se fizéssemos uma análise da trajetória histórica desses moradores camponeses, talvez ficasse evidente como algumas culturas, como por exemplo, a agricultura familiar, tanto foram reproduzidas por uns, quanto foram desintegradas, com o passar dos anos, na vida de outros.

Na Comunidade, encontramos moradores que seguiram outros caminhos, além da agricultura, monocultura, ou agricultura familiar, o que diferencia um pouco suas identidades, mesmo tendo continuado morando nesse contexto do campo. Uns tornaram-se professores, outros contadores, e diante da vida que levavam na interface campo/cidade, a identidade de homem do campo não é tão nítida, mas a identidade comunitária torna-se vigente quando os vemos tentando influenciar de maneira positiva e, de certa forma, mudar um pouco aquela realidade, compartilhando seus saberes com os que não tiveram a oportunidade de estudar através, por exemplo, de cursos de alfabetização de jovens e adultos, aulas de artes

manuais, contação de histórias para as crianças, para que pudessem recomeçar e traçar novos caminhos na busca por melhorias.

Todas as ações desenvolvidas na comunidade por esses moradores que se aventuraram em busca de conhecimento e que hoje vivem uma realidade um pouco diferente dos demais, mas não abandonaram suas raízes, trouxeram aspectos que também contribuíram para a formação dessas identidades.

Através de aulas ministradas, professoras conseguem ajudar a moradores que não sabiam assinar seus nomes, a tirar seus novos documentos de identidade; outros obtiveram suas carteiras de motoristas, o que facilitou na busca por empregos; outras aprenderam técnicas artesanais; e todas essas conquistas influenciam tanto na construção da identidade dos que se aventuraram a sair da Comunidade, seja em busca de empregos e estudos, quanto os demais que se beneficiam daqueles ensinamentos.

Após tantos relatos que foram tão relevantes para nossa pesquisa, tentamos contextualizar um pouco da identidade do povo da Comunidade. Mesmo com o perfil reconhecido como de um povo camponês, e visto que os sujeitos ocupam posições diferentes na sociedade, conseguimos identificar perfis bem diferentes, o que mostra que apesar de terem uma identidade comunitária e familiar quase idêntica, suas identidades e perfis pessoais são bem diferentes.

Por meio de características sociais, vimos que os moradores de Gangorra apresentam várias identidades e perfis, entre eles o de migrantes nordestinos camponeses, que exercem trabalho braçal e são detentores de pouca escolarização, mas que hoje buscam, através da alfabetização tardia, conseguir realização pessoal. Percebemos, neles, o esforço de um povo em busca de sobrevivência, construindo sua identidade. A cultura, a política, os problemas sociais e comunitários, fazem-nos parte de uma nação que estampa sua identidade chamada de brasilidade, cujos processos delimitam a construção e formação de uma identidade mais pessoal, pois, o processo de construção dessa identidade pessoal passa por processos sociais e subjetivos, além dos demais que foram citados.

Sabemos que o processo de socialização, a construção de uma consciência são elementos que influenciam na construção de uma identidade, entendemos também, que a construção desses fazeres e saberes estão diretamente ligados a

construção das identidades. Apesar de em forma mais estética e organizacional, trazermos aqui no trabalho essa questão das identidades em tópicos separados dos fazeres e saberes, somos conscientes de que uma coisa está ligada a outra de maneira bem significativa. Mas, quando falamos de identidade pessoal, talvez tenhamos que buscar respostas sobre essa construção na psicologia e em raízes da fenomenologia. Por isso traremos uma breve explicação sobre essas identidades.

3.1.1 Identidade pessoal

Essa identidade pessoal que se apresenta em cada gesto tímido ou ousado, em cada riso, a cada colocação, tem muita história em sua construção, e são essas histórias e experiências que nos fazem entender que essas identidades pessoais não são coisas prontas e acabadas. Conforme o tempo que vivemos, mudamos de opinião, modificamos nossa maneira de pensar as coisas e o mundo e, conseqüentemente, há mudanças em nossa identidade pessoal, pois somos livres para criar e recriar, mudar nosso pensamento e comportamento quando acharmos necessário. De acordo com Sara Silva, Conceição Nogueira e Hostina Nascimento:

A liberdade, condição para criar e recriar teorias e opiniões na interação com diversas formas de ser e saber, possibilita a construção da identidade, abre portas para a heterogeneidade de culturas e fomenta o respeito às singularidades. Quando respeitosa, permite que o sujeito seja ele mesmo até o ponto em que sua autonomia não interfira na liberdade do outro. (SILVA; NOGUEIRA; NASCIMENTO, 2019, p. 171)

A liberdade que temos, como foi bem colocada pelas autoras, também contribui para as mudanças que ocorrem no meio social, político, financeiro, familiar e sentimental, influenciando e interferindo diretamente na construção da identidade pessoal e esta passa a ser compreendida de forma social. Por isto, compreendemos que essas identidades pessoal, familiar e comunitária estão interligadas e para que uma seja construída, sofre influência da outra.

Dizemos isto porque pressupomos que a identidade sofre influências, hereditárias, das experiências vivenciadas ao longo da vida e influências do meio

social em que vivemos. Sendo assim, esse tema identidade é algo que tem sido fortemente discutido e enfatizado em estudos relacionados a fenômenos pessoais, contemporâneos e sociais.

Em alguns levantamentos que fizemos sobre o tema identidade, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), 90% dos trabalhos observados traziam a identidade pessoal dentro desse contexto de influências sociais, hereditárias e experiências acarretadas ao longo da vida.

De acordo com Brandão (1986, p. 10), a identidade também se “constitui como uma categoria de atribuição de significados específicos a tipos de pessoas em relação uma com as outras [...]”, essa identidade pessoal que apontamos aqui e que pudemos perceber nos moradores de Gangorra, é algo que os tornam únicos e ao mesmo tempo distintos. Tratamos a identidade pessoal como um conjunto de características que nos tornam indivíduos distintos dos demais, mas que também nos fazem iguais em alguns aspectos, quando falamos de elementos que estão contidos no meio social e características que herdamos de nossos familiares.

A hereditariedade genética faz com que o sujeito traga em si características que são uma espécie de patrimônio, o qual o torna esse ser único que carrega traços fisionômicos que de certa forma influencia em sua identidade. O fato de sermos baixo ou alto, magro ou gordo, negro ou branco, vem influenciar diretamente na maneira como nos percebemos como seres humanos, de como nos relacionamos com os outros, de como nos comportamos no dia a dia.

Entendemos que a maneira como as pessoas vivenciam determinados momentos de suas vidas influenciam também na construção dessa identidade pessoal, experiências vividas principalmente na infância e adolescência podem em muitas vezes influenciar de forma interessante e significativa a vida de qualquer indivíduo, seja essa marca positiva ou negativa, e isso vem refletir diretamente em sua identidade.

Podemos dizer que o modo como nos diferenciamos dos outros mostra traços de nossa identidade. Os moradores de Gangorra, por exemplo, às vezes, entre uma fala e outra, dizem que não são como nós. Falas como: “somos pobres, mas humildes”; “não somos como vocês, mas tínhamos muita vontade de estudar”; “ não sou inteligente como você mas sei fazer muita coisa” são indícios de que esses

sujeitos muitas vezes se colocam no lugar de excluídos, de oprimidos, apontando que trazem traços de uma identidade construída, muitas vezes, sob baixa autoestima, vendo o outro como “superior” a ele.

Os atores de nossa pesquisa, apesar de terem a mesma origem de povo camponês e trazer essa identidade familiar e comunitária em comum, quando partimos para o lado da individualidade e para a questão da identidade pessoal, são sujeitos bastante diferentes. Este aspecto trouxe mais riqueza para nossa pesquisa.

Enquanto uns mostram a força de mulheres e homens camponeses que lidam com a terra e se orgulham disso, pois se apresentam como parte dessa terra, sem muita escolarização, mas com a experiência que os fazem quem são, outros se apresentam com a mesma força do homem e da mulher camponesa que saiu de sua terra em busca de estudos e melhorias para sua família e através dos estudos conseguiram mudar um pouco da sua realidade pessoal e familiar e tentam contribuir para mudanças na comunidade.

Esse orgulho que o sujeito tem do que se tornou ao longo do tempo mostra as características de uma identidade pessoal forte, desinibida, de pessoa que sabe o que sofreu em sua caminhada e que se orgulha dos caminhos que conseguiu traçar durante a vida. A identidade pessoal que observamos nos moradores de Gangorra é algo extremamente importante para que possamos compreender melhor as práticas, tanto coletivas quanto singulares, que eles desenvolvem dentro da Comunidade, quando trazem esses saberes e fazeres laborais em suas atividades e que há tantos anos tentam conservá-los.

O conceito de si, que chamamos de identidade pessoal, nos orienta durante nossas ações, tanto as individuais quanto as coletivas. Dentro de um plano social, entendemos que as identidades pessoais se configuram como o olhar que temos sobre nós e sobre o mundo. Fruto de um processo psicossocial, identidade pessoal é uma forte tentativa de formarmos e nos conformarmos com nosso “eu”, é a formação do ser quem “sou”.

Não podemos ser ingênuos de pensar que essa construção da identidade não passa pelos efeitos de uma construção social, nem ao menos imaginar que uma identidade é fixa e imutável, apesar de que, cada vez que pensamos em identidade, nos remetemos a essência, a algo que nos antecede. Do ponto de vista de Soares e

Fischer (2010, p. 3), “a identidade compreende a noção de bens culturais, abrangendo os símbolos, os signos, os valores de um universo plural, os bens ecológicos, as tecnologias, as artes, além dos fazeres e saberes tradicionais, inseridos na dinâmica do cotidiano territorial”. São muitas as definições de identidade. Em todas que conhecemos, percebemos as influências do meio como fortes indicadores para sua construção.

Por fim, essa construção complexa de si, a qual chamamos de identidade, podemos considerar como uma forte relação dialética que ao mesmo tempo em que mostra o indivíduo igual a seus pares, mostra-o também único em sua devida existência.

3.1.2 Identidade familiar

Quando falamos de identidade familiar, falamos de tradição, do ato de se transmitir algo de geração a geração. Histórias contadas e vivenciadas pela família nos impactam de forma a refletir em nossa identidade. Somos uma forte combinação que envolve tradições, experiências, cultura, histórias e pertencas. As histórias de família nos passam a sensação de pertencimento.

Quanto de nós não ouvimos de nossos pais e avós a frase: “vou te contar uma história”? Essas histórias trazem em si elementos que na maioria das vezes constituem a história da Comunidade, dos nossos antepassados, dos mitos e crenças locais e assim por diante. E tudo isso reflete em nossas crenças e comportamentos o que, conseqüentemente, reflete em nossa identidade familiar e pessoal.

Às vezes, para que possamos dar sentido às coisas, avaliar atitudes do outro e significar atos passados, usamos como referência as histórias e influências familiares. Até mesmo para enfrentar situações difíceis na vida, nos apoiamos nas histórias de superação vividas por nossos antepassados, o que traz um fortalecimento de nossa fé e amplia nossa compreensão de quem realmente somos e do que somos capazes de enfrentar, tornando-nos, assim, pessoas com uma forte identidade familiar.

As histórias de superação e perseverança dos povos de Gangorra nos mostram a todo tempo o fortalecimento de sua identidade familiar. Quando falamos de identidade familiar, lembramos da história de vida de uma das professoras que, ao dar aulas em sua garagem para pessoas da Comunidade, contava com alegria sobre sua trajetória para concluir os seus estudos e para que seus filhos pudessem estudar.

Hoje, com a alegria de quem conseguiu conquistar seus objetivos, ela olha para trás e consegue até sorrir das dificuldades que enfrentou. A professora contava que levava seus filhos em uma carroça até a cidade vizinha e passava horas até chegar à escola, enfrentando os perigos da estrada e o desconforto de uma carroça, sob o sol quente do sertão, sem dinheiro e apenas com a coragem de uma mulher sertaneja que buscava um futuro melhor para si e para seus filhos.

Atualmente, podemos perceber o reflexo dessa linda e forte história na vida e identidade de sua família. Sua filha, hoje também professora, atuou junto a mãe nesse trabalho de alfabetização de jovens e adultos. Colecionando mais de uma formatura, a filha, que se espelhou na força e perseverança da mãe, é aluna do Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e inicia sua carreira docente, trazendo em si, essa identidade familiar que se tornou tão marcante para nós do GEPEL/LEFREIRE que tivemos o prazer de acompanhar dessa história de vida que tanto nos encorajou.

Essas histórias de famílias são quem mais testificam sobre nossa identidade familiar. Falar sobre essas histórias e recordações familiares, dificuldades e triunfos é o que mais preserva nossa identidade como família. A história de vida das professoras testifica sobre a identidade familiar delas, um povo forte, camponês batalhador, que ao alcançar seus objetivos não abandonou sua Comunidade e, através de suas experiências, tenta modificar de maneira significativa a vida dos demais moradores de lá.

A influência parental e as influências do meio marcam a identidade familiar. Há sempre uma identidade marcante ou uma característica que se apresenta como marca dessa ou daquela família. Cada família apresenta-se de uma forma, cada uma tem seu jeito de agir e de vivenciar as experiências e dificuldades da vida. A forma de enfrentar as dificuldades surge a partir de aspectos que a família julga

serem importantes para sua sobrevivência, são coisas que prezamos e priorizamos acima de qualquer outra, e nessas prioridades, mostramos nossa identidade familiar.

Uma senhora camponesa da Comunidade de Gangorra, em sua conversa conosco, deixou explícito seu prazer em tentar conservar os ensinamentos e experiências que adquiriu ao longo do tempo com seu pai. A lida com a terra, os manejos com o solo, o amor pela plantação, tudo deixava evidenciado sua identidade de família camponesa, forte, que tira seu sustento da terra, com mãos calejadas da lida no campo e com alegria de ser quem é.

Do ponto de vista de memórias, temos a impressão de que o povo camponês costuma preservar mais suas lembranças do que o homem da cidade, pelas atividades e costumes desenvolvidos em seu dia a dia. As atividades do campo parecem ser mais preservadas, apesar da forte influência da vida urbana e das novas tecnologias que vem ganhando espaço de forma desenfreada.

Em Gangorra temos também o forte exemplo de um senhor que chegou à Comunidade ainda na adolescência e manteve seus costumes até hoje, seguindo o exemplo de seu pai, o qual ele passou para seus filhos e até hoje desenvolvem atividades dentro da agricultura, assim, trazendo a forte identidade de uma família rural camponesa.

Por fim, compreendemos que essa identidade familiar, seja de famílias camponesas ou não, denuncia muito sobre a trajetória de vida dos nossos antecedentes, carrega em si muito da cultura de um povo e alimenta a esperança de nunca perdermos nossa essência.

3.1.3 Identidade comunitária

A identidade comunitária mistura-se à história local, pois esses processos identitários sempre se constroem a partir de fatores que desencadeiam uma série de ações como processos coletivos que fazem com que os sujeitos se reconheçam como pessoas pertencentes àquela determinada comunidade. Em outras palavras, as lutas comunitárias, as relações de vizinhança, atividades resultantes de um conjunto de ações comunitárias, as lutas sociais, tudo isso traz um sentimento de

pertença e um empoderamento social e comunitário, os quais fazem com que aconteça esse processo de construção de uma identidade comunitária.

Podemos observar que tanto a história local quanto a história da humanidade em sua totalidade contribuem de forma satisfatória para o desenvolvimento local de uma comunidade, para a formação da identidade comunitária. A história local torna-se fator indispensável para que o sujeito se encontre nessa busca por entendimento de si, do outro e do lugar onde reside.

A história local dá subsídios para que o sujeito consiga compreender as lutas sociais de seu povo, as relações de poder, as religiões existentes na comunidade, as políticas públicas, as formas como que seus antepassados ocuparam o lugar, as tradições. Até mesmo serve de base para preservação de conhecimentos que estão guardados na memória coletiva.

Essa memória coletiva traz a recuperação de antigas práticas locais que com o tempo caem em desuso, como por exemplo, a forma de cultivo de algumas espécies de plantas apresentada no último círculo de cultura que este trabalho registrou na Comunidade de Gangorra. Essa história local, além de contribuir para a formação da identidade comunitária, contribui para a subsistência da própria comunidade.

A memória local dos habitantes de Gangorra os mantém fortes com essa identidade comunitária de povo camponês que batalha por sobrevivência em um território que faz fronteira com várias realidades diferentes da sua. Sofrendo as influências da cidade e os impactos de uma política pública desigual e desumana, o povo de Gangorra segue firme seu caminhar. Por isso a importância de se preservar essa identidade e memória local, pensando-se em um plano para realizar a elaboração de registros da história e da memória locais para que se possa conservar essa identidade comunitária existente em Gangorra.

A identidade comunitária dos povos de Gangorra é composta por um conjunto de categorias que fazem representação de um universo cheio de histórias; de um povo que luta por sobrevivência há anos e deixa suas marcas, apesar de sofrer um forte impacto da modernidade, ainda mais pelo processo de transformação sofrido em decorrência da invasão cultural, pela inserção de novos comércios, e pela transformação da sociedade em si, devido ao processo de globalização.

A formação da identidade comunitária é um processo que sofre mutações, os impactos da modernidade é um dos fatores que desencadeiam essa transformação. O processo de globalização de uma modernidade tecnológica traz novos aspectos para qualquer tipo de identidade comunitária, sendo que, a modernidade que chega ao campo, ou a uma comunidade camponesa, nem sempre pode ser vista de maneira negativa, pois, o acesso a novas informações dá ao indivíduo um avanço na descoberta do conhecimento, possibilitando um poder de escolha que pode modificar suas vidas e, inclusive, suas identidades.

De acordo com Hall (2006), os processos de construção das identidades se dão com o estabelecimento de relações com o tempo, o espaço e o passado. Sendo assim, entendemos que as identidades estão em constante modificação. “[...] as identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização” (HALL, 2006, p. 73). Apesar das constantes mudanças, há comunidades que resistem a essa influência decorrente da globalização.

Há um sentimento que é comum entre os moradores de uma comunidade, o sentimento de luta que reivindica os ideais do grupo. Para identificar essa identidade comunitária temos que voltar nosso olhar para esse sentimento e para as potencialidades do local. Gangorra tem um povo forte, de características peculiares, mas o que mais se destaca é o amor dos moradores pela terra.

Falar sobre identidade comunitária requer um olhar sobre vários aspectos, pois, a questão das mudanças ocorridas com a globalização nos leva a várias indagações com relação a influência do setor político, das etnias, dos gêneros, da cultura, das próprias classes sociais e das várias nacionalidades existentes em nosso país, as políticas públicas, a própria família, as lutas de classes, entre outros. Entendemos que tudo isto influencia na construção de uma identidade. O que pudemos perceber é que a imagem identitária de homens e mulheres da terra, os moradores de Gangorra não perderam, mesmo com a influência de todas essas instâncias, conservando assim, muito de da história de seus antecedentes.

Assim, entendemos que a construção de uma identidade, seja pessoal, familiar ou comunitária, resulta de muitas histórias de vida, de muitas lutas, de influências culturais, sociais, políticas, em um processo de resistência, lutas, transformações e pertença.

3.2. ATIVIDADES LABORAIS: AGRICULTURA FAMILIAR; MONOCULTURA; ARTESANATO

Atendendo ao objetivo de nossa pesquisa, trazemos a identificação de parte dos fazeres e saberes de mulheres e homens da Gangorra a partir de relatos dos atores, entrevistas e atividades nos círculos de cultura. Para compreender sua produção, fomos intercalando as informações com o estudo que fizemos sobre os conceitos de agricultura familiar, monocultura e artesanato, desenvolvendo reflexões sobre o processo de modernização agrícola sofrido no país e de que forma isso tem afetado os agricultores familiares de Gangorra.

Trazemos também, as mudanças ocorridas no produzir dessas atividades laborais, mediante o tempo, mudanças sociais e políticas, dentro do processo de globalização, tentando entender de que forma tudo isso tem influenciado na realização e conservação desses fazeres e saberes na Comunidade.

3.2.1 fazeres laborais

Grandes transformações têm sido observadas ao longo dos anos com relação ao trabalho do homem do campo. O processo de produção no meio rural tem sofrido muitas mudanças em consequência principalmente da incorporação das tecnologias nesse meio, sem falar na desenfreada subordinação histórica do trabalhador rural, graças a políticas de economia de mercado. Ambicionando o alto faturamento, as empresas agrícolas não só tem explorado a mão de obra trabalhadora como tem posto em risco a saúde do povo brasileiro com a utilização de grande quantidade de agrotóxicos.

Em nossa região, fincada no sertão nordestino, as atividades rurais de cunho familiar têm estado a cada dia entrando mais em declínio, fazendo com que o homem do campo migre para as cidades em busca de melhores condições de vida. Pela falta de qualificação específica, as mulheres, geralmente, procuram trabalhar em atividades domésticas enquanto os homens procuram se inserir no mercado de trabalho, realizando atividades que não exijam conhecimentos específicos. No setor

do agronegócio, a introdução da monocultura agrícola tem levado homens e mulheres do campo a buscar esta forma de atuação profissional. São realidades que presenciamos em nosso dia a dia e também na Comunidade da Gangorra.

O trabalho, assim como qualquer outra atividade, influencia em nosso processo de formação e autoconhecimento. Cheio de significados na vida dos sujeitos, dentro de um contexto contemporâneo, o trabalho também faz parte do processo de construção de nossa identidade. Apresenta características que, geralmente, são típicas do meio social, econômico e cultural em que vivemos e por isso traz uma carga histórica que nos afeta mesmo que despercebidamente.

Ao longo do tempo, o trabalho tem sido ressignificado, antes relacionado a controle, escravidão e crescimento econômico das classes mais altas da sociedade, hoje já podemos dizer que, além disso, está relacionado à autonomia, ao prazer, à qualidade de vida, à produtividade e ao crescimento pessoal do indivíduo, além da independência financeira tão almejada por muitos.

Sabemos que o processo de trabalho acontece com alguma finalidade. As diversas formas de realização do trabalho têm sido regidas pelos objetivos que são traçados a priori, objetivos esses que são arquitetados geralmente por um grupo menor e mais restrito que, de maneira geral, ocupa os cargos e escalas mais altas dentro da hierarquia trabalhista. Na Comunidade pesquisada podemos constatar isso com a grande produção da monocultura do melão na vizinhança. Mas também pudemos ver durante os círculos de cultura, depoimentos de moradores em relação ao trabalho que fogem um pouco disso.

Neste sentido, lembramos da fala de uma moradora que dizia, “eu planto, eu limpo, eu colho, planto milho, feijão, jerimum, melancia, sorgo, crio bichos, e do que planto ainda sobra a forragem para a criação [de gado] do meu irmão”. Plantando e colhendo sozinha para o sustento de casa, sua plantação é em terras herdadas do pai, não tem fins lucrativos e serve apenas para o sustento da família. Este tipo de produção agrícola é bem comum encontrarmos por lá. Abramovay nos diz que:

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. É perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas

representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiar) estão presentes em todas elas. (ABRAMOVAY, 1997, p. 3)

Diante da explanação do autor e da fala da moradora da Comunidade, existe uma lógica na agricultura familiar desenvolvida por determinadas famílias camponesas segundo a qual as atividades agrícolas não acontecem tendo como prioridade uma produtividade que traga alta lucratividade para a família, mas está ligada a um esforço de conservar ou manter as condições culturais em que foram criados, sem contar o esforço destinado apenas à manutenção da família. Ainda de acordo com Abramovay:

A agricultura familiar não é um fenômeno tão generalizado que não pode ser explicada pela herança histórica camponesa, de fato, em alguns casos existentes, na verdade, o Estado foi determinante na moldagem da atual estrutura social do capitalismo agrário das nações centrais. Uma agricultura familiar, altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder às políticas governamentais não pode ser nem de longe caracterizada como camponesa. (ABRAMOVAY, 1992, p.19)

Como foi dito anteriormente, os diferentes processos de trabalho são direcionados pelos fins que os estabelecem, o que tem se tornado crucial quando falamos de questões sociais e de poder.

Há um tipo de trabalho comum na região onde se localiza a Comunidade da Gangorra, a monocultura de melão, e isso tem mudado a vida desses sujeitos camponeses e, às vezes, afetado algumas áreas da vida dos trabalhadores como, por exemplo, os estudos. Ainda durante os relatos do círculo de cultura, uma moradora informou que a monocultura de melão tem sido o único trabalho que eles conseguem arranjar com mais facilidade, o que faz com que muitos desistam de estudar por causa das muitas horas de trabalho pesado, causando exaustão. De acordo com Vandana Shiva:

O saber local desvala pelas rachaduras da fragmentação. É eclipsado com o mundo que está ligado. Deste modo o saber científico dominante cria uma monocultura mental ao fazer desaparecer o espaço das alternativas locais, de forma muito semelhante à das monoculturas de variedades de plantas importadas, que leva à substituição e destruição da diversidade local. (VANDANA SHIVA, 2003, p. 25)

Vandana Shiva traz um olhar sobre uma realidade em que vemos um saber maior, não no sentido de qualidade ou de importância, mas no sentido de dominação. Quando falamos do capitalismo, que vai a cada dia tomando o espaço da produção dos camponeses de Gangorra e de muitas outras comunidades camponesas no país, e que aparentemente é uma coisa boa, está destruindo o que realmente tem ou deveria ter valor.

Ainda de acordo com Vandana Shiva (2003, p. 25) “O saber dominante também destrói as próprias condições para a existência de alternativas, de forma muito semelhante à introdução de monoculturas, que destroem as próprias condições de existência de diversas espécies”. A fala da autora vai ao encontro dos relatos que ouvimos dos moradores da Comunidade quando falam sobre como era o trabalho assim que chegaram em Gangorra e quando se inseriram no universo da monocultura, trazendo a lembrança dos trabalhos braçais desenvolvidos por eles e que hoje o maquinário tem substituído.

A desumanização e esse processo de automação vêm a cada dia dando mais espaço à chamada inteligência artificial, o que causa prejuízo aos “pequenos” trabalhadores. “O aumento da produtividade do ponto de vista comercial destrói a produtividade do ponto de vista das comunidades locais” (VANDANA SHIVA, 2003, p. 68). Alguns trabalhadores de Gangorra foram perdendo realmente o espaço para as máquinas, a modernização agrícola foi tomando espaço com a monocultura de melão, tornado o setor mais escasso para o trabalho braçal. Graziano Neto nos ajuda a entender esta realidade quando diz que:

O trator seja o melhor indicador do padrão técnico de uma agricultura. Isso, porque tal máquina viabiliza a utilização de vários implementos (arados, grades, pulverizadores, entre outras), além de que a mecanização impulsiona ou provoca a utilização de grande parte da tecnologia moderna. (GRAZIANO NETO, 1982, p. 28)

Este processo de modernização agrícola no Brasil e no mundo tem crescido cada dia mais e podemos dizer que um dos indicadores dessa modernização foi a disseminação de máquinas agrícolas como o trator, como foi relatado por um dos atores de nossa pesquisa. Foi a partir daí, que o homem perdeu espaço em seu ambiente de trabalho para as tecnologias. De acordo com a EMBRAPA,

De fato, a agricultura passa por profundas transformações – econômicas, culturais, sociais, tecnológicas, ambientais e mercadológicas – que ocorrem em alta velocidade e em diferentes direções, as quais impactam de forma substancial o mundo rural. (BRASIL, 2018, p. 6)

Essa declaração só reforça as mudanças ocorridas na prática da agricultura citadas por um dos moradores da Comunidade, patriarca de uma família tradicional de Gangorra, falava sobre esse processo de substituição do homem pela máquina. Durante o círculo registrado para a construção desse trabalho, o senhor falou que antes da existência dos tratores, os donos de terras contratavam muito mais pessoas para o trabalho na agricultura, mas com o tempo essas contratações foram diminuindo devido a esse uso do trator para preparar a terra para a colheita, entre outras atividades. Os moradores mais antigos da comunidade eram acostumados, desde bem pequenos, ao trabalho de preparação da terra para a plantação e essa tarefa era uma forma de geração de empregos na Comunidade.

A agricultura é algo milenar e no Brasil só tem crescido, o país se tornou um grande provedor de alimentos para o mundo, o aumento na produtividade no setor do agronegócio e da agropecuária foi bastante significativos, o que tem mudado a realidade do campo brasileiro, inclusive da Comunidade de Gangorra.

Com a modernização da agricultura, surgiram vários desafios para a conservação do meio ambiente, além da perda de espaço do homem para a máquina, com a degradação de milhares de hectares de terras, veio também o uso abusivo e inadequado de milhares de agrotóxicos, colocando em risco a saúde do homem e do próprio meio ambiente.

Contudo, o avanço da tecnologia na agricultura trouxe também pontos positivos. De acordo com a Embrapa (BRASIL, 2018), nas últimas cinco décadas o Brasil tornou-se grande protagonista na produção e exportação agrícola.

Na safra 2016/2017, o País alcançou seu recorde de produção de grãos e forneceu alimentos para o Brasil e para mais de 150 países em todos os continentes. A produção de origem animal e vegetal no meio rural ultrapassa 400 produtos provenientes da agricultura em suas diferentes escalas e tamanho de unidades produtivas. Como principais benefícios dessa condição agrícola, podem-se destacar a geração de empregos e de renda e os preços mais acessíveis dos alimentos aos consumidores brasileiros. (BRASIL, 2018, p. 11)

Essa geração de empregos acima citada chega na comunidade de Gangorra através da produção da monocultura do melão nas comunidades e cidades circunvizinhas. Mas, com o passar dos anos, diante da modernização do setor agrícola, da escassez de água e falta de investimento público, uma parte dos trabalhadores de Gangorra abandonaram a agricultura familiar e a monocultura de melão para se tornarem microempreendedores.

Alguns dos moradores da Comunidade que herdaram lotes de terras da família conseguiram realizar investimentos com a venda de parte dessas terras. Com a estiagem comum na região, os trabalhadores se sentem desmotivados com a produção agrícola familiar, deixando um pouco, ou totalmente, de lado a prática da agricultura para ingressar por novos caminhos.

Compreendemos que nem sempre esse “abandono” das práticas agrícolas é uma questão de sofrimento ou desesperança para os agricultores. Às vezes, a opção de mudar de setor de trabalho não está relacionada à falta de opção ou dificuldades para continuar com a lida da terra, mas por mudança de vida mesmo, pois às vezes o agricultor não quer mais essa lida pesada com a terra. Em outras situações, agricultores arranjam trabalhos “por fora” justamente para poder continuar o trabalho com a agricultura, pois a renda extra ajuda a custear as despesas com a plantação e preparação da terra para receber os grãos. Com relação às condições oferecidas pela agricultura, Ribeiro e Vivan nos falam que:

As condições oferecidas pela agricultura não são atrativas, pois os custos de produção, a inconstância climática e os avanços tecnológicos são vistos como bloqueios pelo produtor; o capital de giro não existe, pois o agricultor que está e principalmente, o que volta ao meio rural, não possui condições de iniciar um processo de produção, que necessita de investimentos; a assistência necessária, seja ela técnica ou administrativa não ocorre e, desta forma, causa uma situação de impotência ao setor; as políticas de subsídios ou de

crédito não chegam ao alcance destes agricultores, fazendo com que não possam iniciar suas atividades de forma competitiva. (RIBEIRO; VIVAN, 1999, p. 441)

Devido à estiagem e à falta de investimentos e políticas de subsídios, esses micro-empresendedores se tornaram donos de bares e mercearias enquanto outros têm suas próprias barracas de vendas em frente a suas casas, espalhadas em meio à Comunidade. É preciso que desmistifiquemos a ideia de que o agricultor familiar visa somente a subsistência e que deseja viver apenas da agricultura familiar. É notório na Comunidade que alguns agricultores buscam isso, mas outros vivem de forma diferente, como mostramos em nossa pesquisa.

De acordo com Daniela Bittencourt (2018), coordenadora do Programa de Agricultura Familiar da EMBRAPA, 70% da comida que chega à mesa das casas dos brasileiros é proveniente da agricultura familiar, mas, apesar disto, as propriedades familiares compreendem apenas 24,3% de toda área rural do país.

Porém, nem todos os agricultores familiares são bem sucedidos em suas atividades agrícolas e mudam seus fazeres em busca de melhorias, como é o caso de alguns agricultores de Gangorra. Segundo informações de uma moradora da Comunidade, os microempresendedores que deixaram a prática da agricultura familiar são mais ou menos uns 20 (vinte). Para Barreto (1998, p. 190), “empresendedorismo é habilidade de criar e constituir algo a partir de muito pouco ou de quase nada”. Como os moradores de Gangorra que, a partir do pouco que tinham, conseguiram definir uma nova fonte de renda.

Já conforme o pensamento de Hisrich e Peter (2004, p. 33), “O papel do empresendedorismo no desenvolvimento econômico envolve mais do que apenas o aumento de produção e renda per capita; envolve iniciar e constituir mudanças na estrutura do negócio e da sociedade” (HISRIC; PETER, 2004, p. 33). O empresendedorismo traz o despertar do sujeito para fazer acontecer com motivação, inovação, pró-atividade, mudanças em sua vida financeira e consequentemente social, em um processo de autoconhecimento e aprendizagem.

Este empresendedorismo dos moradores de Gangorra mostra as mudanças no processo de trabalho na Comunidade, a mudança em suas atividades laborais devido ao tempo e às condições existenciais vivenciadas por eles.

Por fim, entendemos que a agricultura se torna muito mais do que algo que está inserido na cadeia produtiva deste país, pois além de abranger o setor alimentício, ela se entrelaça à cultura humana e à gestão ambiental, o que faz que com ela vá muito além de uma geração de lucratividade ou de um modo de subsistência. De acordo com Soglio e Kubo, a agricultura está ligada:

As múltiplas formas de gestão do ambiente, especialmente das plantas e dos animais, dos quais o homem extrai seu alimento, certamente estão ligadas a bem mais do que aos aspectos econômicos, pois, estabelecidas há muito tempo, estão intimamente associadas às culturas locais, à religiosidade, aos costumes e aos hábitos alimentares. Da mesma forma, por depender do ambiente, que é variável ao extremo no tempo e no espaço, a agricultura é diversificada quanto às técnicas utilizadas e quanto aos sistemas de produção e de organização social voltados para a produção. (SOGLIO; KUBO, 2016, p. 13)

A fala do autor nos faz compreender que existe uma heterogeneidade na agricultura e que é percebida no mundo inteiro, todavia ainda é bastante significativo o modo de produção tradicional agrícola. Apesar de todas as influências advindas da modernização, o modelo de agricultura tradicional segue firme, mesmo em espaços em que essa modernização agrícola é adotada.

3.2.2 Saberes laborais

Desde os tempos mais primórdios, o homem foi evoluindo e se reconhecendo como sujeito integrante do mundo e, de certa forma, foi despertando dentro de si um desejo de compreender-se e compreender o universo ao seu redor. Ao longo do tempo, a partir de experiências vivenciadas em tantos contextos, o homem foi formando conjuntos de saberes os quais ele usou para expressar uma devida compreensão sobre o mundo em que vive.

Esses saberes foram aos poucos sendo construídos de maneira intuitiva, através de experimentações que se transformaram em experiências que embasaram seu processo de construção. Durante toda sua existência o homem tem conseguido sobreviver através de tradições que vão se acumulando e dos conhecimentos, sejam

práticos ou científicos, pois os dois partem da mesma necessidade básica de conhecer o mundo e conseguir sobreviver nele.

Os saberes populares são fragmentários e diferentes do saber científico, eles não possuem autoria reconhecida, pois não sabemos identificar quem realmente os criou ou descobriu. Estão distribuídos nas mais distintas camadas da sociedade e nas mais diversas gerações, tornando-se, assim, patrimônio para muitos ou senso comum para outros.

A sabedoria popular foi aumentando a cada erro cometido e a cada necessidade surgida e, assim, o conhecimento popular foi sendo organizado, tornando-se cada vez mais sistemático. Essa forma de conhecer o mundo foi, por muito tempo, ignorada pela ciência. Cada vez que a ciência evoluía, o saber popular ia ficando mais esquecido, correndo o risco de toda essa riqueza implícita contida nesses saberes desaparecer com o tempo.

Deste modo, como dito antes, nossa pesquisa está sendo desenvolvida na perspectiva de fazer um resgate desses saberes e consequentemente uma valorização dos mesmos, através do conhecimento de atividades laborais de mulheres e homens de Gangorra, afim de não negligenciarmos o que temos visto de mais bonito durante as visitas à Comunidade, que são os seus saberes. De acordo com Chassot:

[...] o pescador solitário, que encontramos em silenciosas meditações, sabendo onde e quando deve jogar a tarrafa, também tem saberes importantes. A lavadeira, que sabe escolher a água para os lavados, tem os segredos para remover manchas mais renitentes ou conhece as melhores horas de sol para o coaro. A parteira, que os anos tornaram doutora, conhece a influência da lua nos nascimentos e também o chá que acalmara as cólicas do recém-nascido. A benzedeira não apenas faz rezas mágicas que afastam o mau-olhado, ela conhece chás para curar o cobreiro, que o dermatologista diagnostica como herpes-zoster. O explorador de águas, que indica o local propício para se abrir um poço ante o vergar de sua forquilha de pessegueiro, tem conhecimentos de hidrologia que não podem ser simplesmente rejeitados. (CHASSOT, 2006, p. 221)

Essas formas de conhecimento não científicas mostram toda a história de um povo, suas crenças, suas lutas por sobrevivência, a conservação de sua cultura, as

lembranças de seus ancestrais e o processo de construção de saberes que são muito importantes para nossa própria compreensão e benefícios. Freire nos fala que:

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar-se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes. (FREIRE, 1996, p. 12)

Práticas semelhantes a essas citadas por Freire foram observadas nos relatos dos moradores durante os círculos de cultura em Gangorra: “Desde menina vi meu pai e minha mãe trabalharem, foi meu pai quem me ensinou tudo e fui crescendo e trabalhando. Quando vejo que vai chover e não tenho terra pronta para plantar eu ‘enlouqueço’ ”, “Quando vejo que está se preparando um tempo, é sinal de inverno, vou logo preparar a terra porque sem plantar eu não sou ninguém”, são relatos que mostram os saberes populares, a cultura popular presente na Comunidade, esses saberes que Freire fala que são construídos na prática.

Esses saberes são extraídos e construídos da cultura popular, da experimentação, da experiência de vida. Essa cultura popular é definida por Vannucchi como:

O conjunto de conhecimentos e práticas vivenciadas pelo povo, embora possam ser vividos e instrumentalizados pelas elites. Pense-se no candomblé, no carnaval, na feijoada, nos usos folclóricos, no jogo do bicho e na capoeira. [...] Cultura popular simplesmente [é] o que é espontâneo, livre de cânones e de leis, tais como danças, crenças, ditos tradicionais. [...] Tudo que acontece no país por tradição e que merece ser mantido e preservado imutável. [...] Tudo que é saber do povo, de produção anônima ou coletiva. (VANNUCCHI, 1999, p. 98)

A definição do conceito de cultura popular não é simples, exige uma relação com a palavra e vida do “povo”, o que implica dizer que está relacionada a determinadas concepções e ideologias, nas esferas culturais, econômicas, políticas e sociais. Assim, podemos dizer que a cultura popular mediante as influências que sofre é algo multifacetada, relacionada à tradição, ao anônimo, ao espontâneo, como nos falou o autor acima citado.

Já de acordo com Santos:

[...] cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas. (SANTOS, 2003, p. 05)

É impossível falar sobre saberes de um povo sem falar sobre cultura e Santos nos traz uma definição sobre cultura que esclarece bem essa ligação entre os saberes e a cultura de um povo, trazendo a ideia de que são indissociáveis.

Quando falamos de saberes, falamos também de estudos, escola, educação. Durante os relatos, os moradores da Comunidade falam sobre as dificuldades para estudar. Os de mais idade lamentam sobre a falta de estudos e expressam a vontade que têm que seus netos estudem para que não tenham o mesmo futuro que eles.

Durante uma conversa com os moradores, perguntamos sobre algum incentivo por parte do poder público em qualificar os moradores através de cursos profissionalizantes para o homem do campo, eles responderam que durante todos esses anos na Comunidade nunca houve incentivo algum e que tudo que aprenderam foi na lida.

Conforme ressalta Moura (2009, p. 54) “A educação no meio rural, sempre esteve atrelada ao sistema de produção capitalista, que tinha no latifúndio suas bases. O camponês para trabalhar a terra não necessitava saber ler”. E o ideal seria que educação no campo ou do campo tivesse relações diretas com a identidade cultural do povo, de forma que os alunos vissem uma valorização de sua cultura e histórias de vidas, o que entendemos que traria um maior interesse dos mesmos em aprender.

Quando falamos em saberes laborais de um povo, nos referimos a essa sabedoria acumulada, conhecimentos práticos que viraram uma espécie de tesouro particular que os indivíduos guardam até que venham passar para seus parentes mais próximos, a fim de conservar sua cultura. Esses saberes são permeados de ações, comportamentos e regras primitivas os quais, geralmente, tem suas bases em superstições, experimentações, mitos, crenças.

A valorização de um saber local nos faz colocar em evidência os intuitivos conhecimentos de um povo. Conhecer quando vai chover, se haverá inverno ou não, os modos de lidar com a terra, as plantas e chás medicinais, os conhecimentos de uma parteira ou de uma rezadeira, entre outras coisas que fizeram com que milhares de pessoas conseguissem sobreviver até hoje, driblando e solucionando seus problemas, a arte da sobrevivência através de saberes considerados não científicos.

Os saberes não científicos são observados, na Comunidade, além do cultivo da terra, no trabalho artesanal confeccionado não só para uso próprio, mas como forma de comércio local, ajudando minimamente nas despesas domésticas.

Os saberes ligados ao artesanato foram aprendidos na lida, na observação, na experimentação. Foi a partir da experimentação durante a vida que esses saberes se formaram e foram aprovados pela população. A diversidade, a curiosidade, a necessidade como foi dito antes, deram origem a tais atividades laborais. Ao que sabemos, a única formação nesta área é ofertada pela lefreireana a quem já nos referimos.

O artesanato é parte de um saber popular que vai muito além de apenas experimentação, pela sua utilidade na vida das pessoas. Esse saber popular é parte de vários pensamentos que foram surgindo em cada momento da história dos indivíduos para que pudessem sobreviver a cada dificuldade que surgia e para que pudessem explicar os fenômenos da natureza e é justamente nisso que vemos sua importância. Como forma de tradição, os saberes populares nos mostram presente e passado entrelaçados.

De acordo com Pereira (1979, p. 21), o artesanato é “um complexo de atividades de natureza manual, através das quais o homem manifesta a criatividade espontânea”, esse trabalho pode ser dessa forma manual, como nos diz o autor, ou

precisa-se do auxílio de alguns instrumentos para a confecção do mesmo. É, portanto, um conjunto de tradições populares e uma atividade as vezes simples e as vezes sofisticada.

De maneira geral, as atividades artesanais são desenvolvidas por núcleos familiares. Na Comunidade de Gangorra, esta atividade que faz parte do seu conjunto de fazeres e saberes traz ajuda nas despesas mensais de algumas famílias já que algumas mulheres conseguem contribuir com as despesas de casa com a venda dos produtos.

Geralmente, nas comunidades onde há a existência de uma determinada rede de infraestrutura turística, o artesanato consegue um destaque maior dentro da economia local, pois o turismo funciona como elemento multiplicador dessas atividades. Um bom exemplo disso são as comunidades praianas que quase sempre apresentam sua arte local em forma de artesanato para os turistas que as visitam. E quando há um expressivo potencial na rede turística, o desenvolvimento dessa arte segue um fluxo positivo para a comunidade, o que não é o caso de Gangorra.

Apesar de a Comunidade ficar situada próxima a cidades praianas, o turismo não é um ponto forte seu, o que faz com que a arte produzida lá não passe por esse tipo de comercialização. Ainda assim, apesar do incipiente incentivo à economia local, a arte produzida ali segue assegurando a preservação da cultura e dos saberes locais.

Em decorrência das reflexões desenvolvidas acima entendemos que tanto os saberes quanto os fazeres de um povo são impactados por aprendizagens construídas nas vivências cotidianas, independente da esfera social. O trabalho, a escola, a família e a sociedade em geral são espaços formativos que influenciam diretamente na formação desses saberes fortemente ligados à cultura e à história de um povo.

Cada saber e fazer laboral de mulheres e homens de Gangorra por nós conhecido foi construído a partir das vivências com seus ancestrais. São saberes e fazeres que foram internalizados ao longo dos anos a partir das experiências partilhadas entre os próprios moradores como é o caso das mulheres que ensinam e aprendem a arte do crochê. De acordo com Soares e Fischer:

O mestre “escolhe” o seu aprendiz, como forma de preservar uma tradição identitária e perpetuá-la ao longo do tempo. O repasse de saberes segue um rito de parentesco, sendo transmitido no seio familiar como forma de garantir a sua permanência e controle da prática passada. O outro ponto é o de garantir a continuidade da atividade sem que isso implique na reconfiguração desmesurada das técnicas e da estética em favor de padronização para o mercado consumidor. (SOARES; FISCHER, 2010, p. 5)

Essa continuidade de saberes é notória na Comunidade. Em meio aos depoimentos, durante os círculos, mulheres e homens sempre relatam o que aprenderam a fazer com seus ancestrais. Em nossas observações durante a pesquisa pudemos perceber alguns desses saberes pela partilha de informações sobre os fazeres mais comumente presente entre os moradores.

O primeiro é aquele que lida com a terra, que teve sua formação na família e em sua ancestralidade. Estão ligados à agricultura familiar cuja renda serve apenas para as despesas de casa.

O segundo grupo também lida com a terra, mas introduziu seus saberes de agricultores rurais na monocultura do melão, em uma mão de obra pesada de trabalho, em que a lucratividade só aumenta cada vez mais o capital das grandes empresas.

Em terceiro, os trabalhos artesanais que sua comercialização tem contribuído para que mulheres e homens auxiliem nas despesas de casa.

Em quarto, os trabalhadores rurais que viraram microempreendedores, trocando suas atividades agrícolas e sua posse da terra pelo investimento no comércio local.

E, em quinto, o trabalho comunitário, que pode não ser visto como um saber laboral, mas tem tanta importância quanto os demais. Trata-se dos saberes das professoras que, com todo carinho e paciência, tentam melhorar as condições de vida de seus conterrâneos, ajudando a construir conhecimentos através da troca de experiências, resgatando a autoestima dos moradores e lhes apresentando novos caminhos em busca do desenvolvimento pessoal e comunitário.

Os trabalhadores de Gangorra, mesmo com os valores urbanocêntricos que invadem a Comunidade, não perdem totalmente sua essência e ainda conseguem

conservar muitos de seus fazeres e saberes laborais e o protagonismo de sujeitos que conseguem manter algumas de suas tradições, até porque entendemos que houve e ainda há um silenciamento e negação do rural nos processos formativos, isso quando ainda há esses processos formativos nas comunidades rurais de nosso país.

Compreendemos que os saberes e fazeres laborais são aspectos fundantes na formação de mulheres e homens camponeses. Em outras palavras, percebemos em nossa pesquisa que esses fazeres e saberes são elementos constitutivos na vida dos moradores de Gangorra. Em seu lugar de existência, mulheres e homens lutam por manter suas representações, sua ancestralidade, seus costumes e tradições. E nosso processo de entendimento caminhou no sentido de compreender o processo de formação e conservação desses fazeres e saberes, dessa pequena sociedade escondida no interior do nosso país.

CONSIDERAÇÕES

A título de considerações, é importante percebermos que é no campo que o país ainda floresce, pois o Brasil é extremamente agrícola, mas nem sempre percebemos os fazeres e saberes laborais de mulheres e homens do campo com o merecimento e importância devida. Foi dentro dessa perspectiva que traçamos os caminhos para a construção deste trabalho, buscando perceber as riquezas que estão inseridas nos fazeres e saberes de povos de pequenas comunidades como Gangorra.

O reconhecimento do nosso lugar de pertença, quando nos misturamos à terra, aos nossos saberes é fundamental, pois estes refletem nossa história de vida, nossa ancestralidade, nossas lutas e nossas aprendizagens. Como dissemos antes, tentamos mostrar em nossa pesquisa o quão é relevante construirmos conhecimentos que formam e transformam, advindos do conhecimento do povo, com o povo e para o povo. A fim de provocar conhecimentos, leituras e reflexões da realidade, do ponto de vista daquele que é e sempre foi oprimido, nos levando a um processo que vem ultrapassar as fronteiras dos livros e das letras e consegue se construir e se reconstituir mediante as relações sociais que foram, são e se tornarão históricas.

Os objetivos que traçamos ao início de nossa pesquisa foram sendo alcançados quando, em contato direto com a Comunidade, ouvíamos os relatos dos moradores sobre suas trajetórias de vida. A cada história e experiência contadas, em meio aos depoimentos durante o círculo de cultura, os fazeres e saberes iam se desvelando. A sua identificação deu-se a partir das temáticas que foram abordadas dentro do círculo de cultura através do teatro fórum, o que facultou a oportunidade aos moradores de mostrarem um pouco de suas experiências de vida através do teatro.

Já a Identificação de permanências e mudanças relativas aos saberes e fazeres evidenciados por esses homens e mulheres do campo foi surgindo tanto durante o círculo como em conversas paralelas às atividades. O contato com os moradores da Comunidade antes da construção dessa pesquisa, dentro das atividades do GEPEL/LEFREIRE nos fez construir amizades que foram de extrema

importância para que conhecêssemos um pouco mais sobre Gangorra e seus habitantes. Informações sobre suas atividades laborais, sobre o comércio local, sobre agricultura familiar, tudo foi possível em contato com alguns moradores.

A compreensão desses saberes foi construída a partir a ação-reflexão-ação que nos permitiu a observação em caráter investigativo. O estudo da realidade (ER), a organização do conhecimento (OC), e a aplicação dos conhecimentos (AC) nos deram respaldo para encontrar e alcançar esses objetivos.

Os referenciais escolhidos nos ajudaram a dialogar sobre as temáticas propostas com mais propriedade, em especial, Paulo Freire, nossa maior referência quando falamos de educação popular, saberes, conscientização e construção de conhecimentos.

A participação no GEPEL/LEFREIRE, a parceria com os pibicianos, a fragmentação dos textos, as considerações da banca de qualificação deram novo horizonte à pesquisa, pois após a análise dos dados alcançados pudemos perceber além dos objetivos, outros aspectos tão importantes quanto a temática proposta de identificar fazeres e saberes laborais. Percebemos um pouco da identidade dos atores de nossa pesquisa, o que nos fez compreender ainda mais a construção e conservação desses fazeres e saberes laborais.

Consideramos, também, que o estudo mostrou a importância da realização de pesquisas dentro do contexto da educação popular para conhecermos e compreendermos melhor os saberes e fazeres de mulheres e homens do campo. A Comunidade de Gangorra nos possibilitou adentrar nesse universo do campo que tantas histórias e lutas têm para contar e conhecer o que eles trazem de sua ancestralidade desses saberes e fazeres laborais.

Sendo assim, a pesquisa em educação popular nos permitiu conhecer mais sobre nossas origens, a origem de um país que carrega em sua história as marcas da opressão, os caminhos de lutas sociais e conquistas do povo camponês; e sobre o processo de construção da identidade, seja ela familiar/pessoal/comunitária. Em conclusão, queremos reafirmar aqui a importância por nós conferida a pesquisas que envolvem os saberes e fazeres do povo dentro do contexto da educação popular, as especificidades dos saberes que os ajudam a permanecer fortes diante de tantas lutas enfrentadas.

Entendemos que a pesquisa poderá, com o tempo, ser aprimorada e mais aprofundada também já que compreendemos que o saber popular é um universo a ser explorado, compreendido e conservado, sabendo que tais fazeres e saberes fazem parte da história da humanidade e foram eles que em muitas vezes salvaram vidas, mudaram realidades, serviram de fonte de renda para a sobrevivência de muitas famílias camponesas e para o crescimento do país.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão**. São Paulo. Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992.

_____. “Uma nova extensão para a agricultura familiar”. In: **Seminário Nacional De Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília/DF, Anais, 1997, p. 29 (Texto para discussão)

ANGOTTI, J. A; DELIZOICOV, D; PERNAMBUCO, M. M. C. A. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

APOLUCENO, I. Cultura e interculturalidade na educação popular de Paulo Freire. **EccoS Revista Científica**, núm. 25, enero-junio, 2011, pp. 109-124. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/715/71521708007.pdf>. Acesso em: 20/06/2018 às 20:36.

BRASIL. Visão 2030: o futuro da agricultura brasileira. Brasília, DF: **EMBRAPA**, 2018. 212 p

BARRETO, L. P. Educação para o empreendedorismo. **Educação Brasileira**, 20 (41), pp. 189-197. 1998.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>. Acesso em: 20/03/2018 às 14:23.

BITTENCOURT, D. **Agricultura familiar, desafios e oportunidades rumo à inovação**. 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/31505030/artigo---agricultura-familiar-desafios-e-oportunidades-rumo-ainovacao>. Acesso em: 17/09/2019 às 16:51

BOAL, A. **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. 12ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2012.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Publicado originalmente em 1942.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4ª ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

CONTRERAS, H. S. H. **A educação popular para além do capital social: a conscientização como possibilidade de desreificação do ser social**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011. 107 f

COSTA, F. C. M.; SILVA, F. E. B.; NASCIMENTO, H. Círculo de cultura do LEFREIRE/UERN: Aproximações e distanciamentos do saber e do fazer. **Revista Includere**, UFERSA, v. 03, p. 298-326, 2017.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. Quatro cartas aos animadores de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe. In: BEZERRA, Aída; BRANDÃO, C. (Org.). **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 36-49

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GRAZIANO NETO, J. **Questão Agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HISRICH, R. D., & Peter, M. P. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman. 2004.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar: uma realidade multiforme**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

LIMA, H. J. R; BRITO, M. C. D; LUZ, M. T. N. S. NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: o “círculo de cultura” na sala de aula. In: NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do; LIMA, Hélio Junior Rocha de; SOARES, Maria Cleoneide (Orgs.) **Pesquisa, ensino e extensão: Perspectivas Freireanas**. Mossoró – RN: EDUERN, 2019.

LIRA, K. C. G; SOUZA, R. M. C; NASCIMENTO, H. M. F. Histórias de vidas: relatos, dificuldades e conquistas de um povo camponês. **Revista Includere**, Mossoró, v. 2 n.2, p. 104-105, Ed. 1, 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Brasil Alfabetizado**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>. Acesso em: 12/09/2018 às 16:00

MORAES, R. UMA TEMPESTADE DE LUZ: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Revista: **Ciências & Educação**, V. 9, n. 2, p. 191-/211. Outubro de 2003.

MOURA, E. A. de. **Lugar, saber social e educação no campo: o caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Paim de Oliveira**. Distrito de São Valentim,

Santa Maria/RS. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Maria. 2009. 198f

NASCIMENTO, H. M. F.; OLIVEIRA, F. L. B. LEFREIRE: Uma Experiência Dialógica em Extensão. **VIVÊNCIAS** (URI. ERECHIM), v. 12, p. 12, 2016.

NASCIMENTO, H. M. F.; SILVA, F. E. B; NASCIMENTO, F. M. F. Pesquisa como problematização da realidade. In: NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do; LIMA, Hélio Junior Rocha de; SOARES, Maria Cleoneide (Orgs.) **Pesquisa, ensino e extensão: Perspectivas Freireanas**. Mossoró – RN: EDUERN, 2019.

NASCIMENTO, H. M. F. do; PERNAMBUCO, M. M. C. A; LIMA, H. J. R. de. O tema e a problematização da realidade como metodologia da Pesquisa Participativa. In RIBEIRO, M. R; AMORIM, G. C. C; NASCIMENTO, H. M. F do (org.) **Docência e formação: perspectivas plurais na pesquisa em educação**. Curitiba: CRV, 2017. 256p

PEIXOTO, F. in: Augusto Boal. **Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

PEREIRA, C. J. C. **Artesanato: definições, evoluções, ação do MTB-PNA**. Brasília: MTB, 1979.

PEREIRA, E. Q. **A semente plantada: educação popular e o cultivo do realismo utópico nas áreas de assentamentos rurais**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. 226f

RIBEIRO E. M; VIVAN A. M. Algumas questões sobre o desenvolvimento e a administração rural. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Administração Rural**. Lavras: Universidade Federal de Lavras; 1999. p. 432-43.

ROSAS, A. da S. **Criatividade em educação popular: um diálogo com Paulo Freire**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008. 401f.

SANTOS, J. L dos. **O que é cultura**. 14. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente**. São Paulo. Ed. Gaia, 2003.

SILVA, E. L. A; XAVIER, J. K. N. D; BARBOSA, E. H. S. C. Ditos, brinco e jogos populares no LEFREIRE. In: NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do; LIMA, Hélio Junior Rocha de; SOARES, Maria Cleoneide (Orgs.) **Pesquisa, ensino e extensão: Perspectivas Freireanas**. Mossoró – RN: EDUERN, 2019.

SILVA, S. C. C; NOGUEIRA, M. C. A; NASCIMENTO, H. M. F. Liberdade e Autonomia: bases teórico-metodológicas da docência compartilhada. In: NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do; LIMA, Hélio Junior Rocha de; SOARES, Maria Cleoneide (Orgs.) **Pesquisa, ensino e extensão: Perspectivas Freireanas**. Mossoró – RN: EDUERN, 2019.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, M. C; MEDEIROS, N. F. M; MIRANDA, M. M. O círculo de cultura como dispositivo da pesquisa qualitativa. In: NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do; LIMA, Hélio Junior Rocha de; SOARES, Maria Cleoneide (Orgs.) **Pesquisa, ensino e extensão: Perspectivas Freireanas**. Mossoró – RN: EDUERN, 2019.

SOARES, R. M. F; FISCHER, T. “Aqui aprendeu da mãe que aprendeu da mãe”: memórias e significados do artesanato no território do Sisal/Bahia. **Enanpad XXXIV – Encontro Científico de Administração da ANPAD**. Anais...Rio de Janeiro, 2010. p. 34.

SOGLIO, F; KUBO, R. R. **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade** (orgs). SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

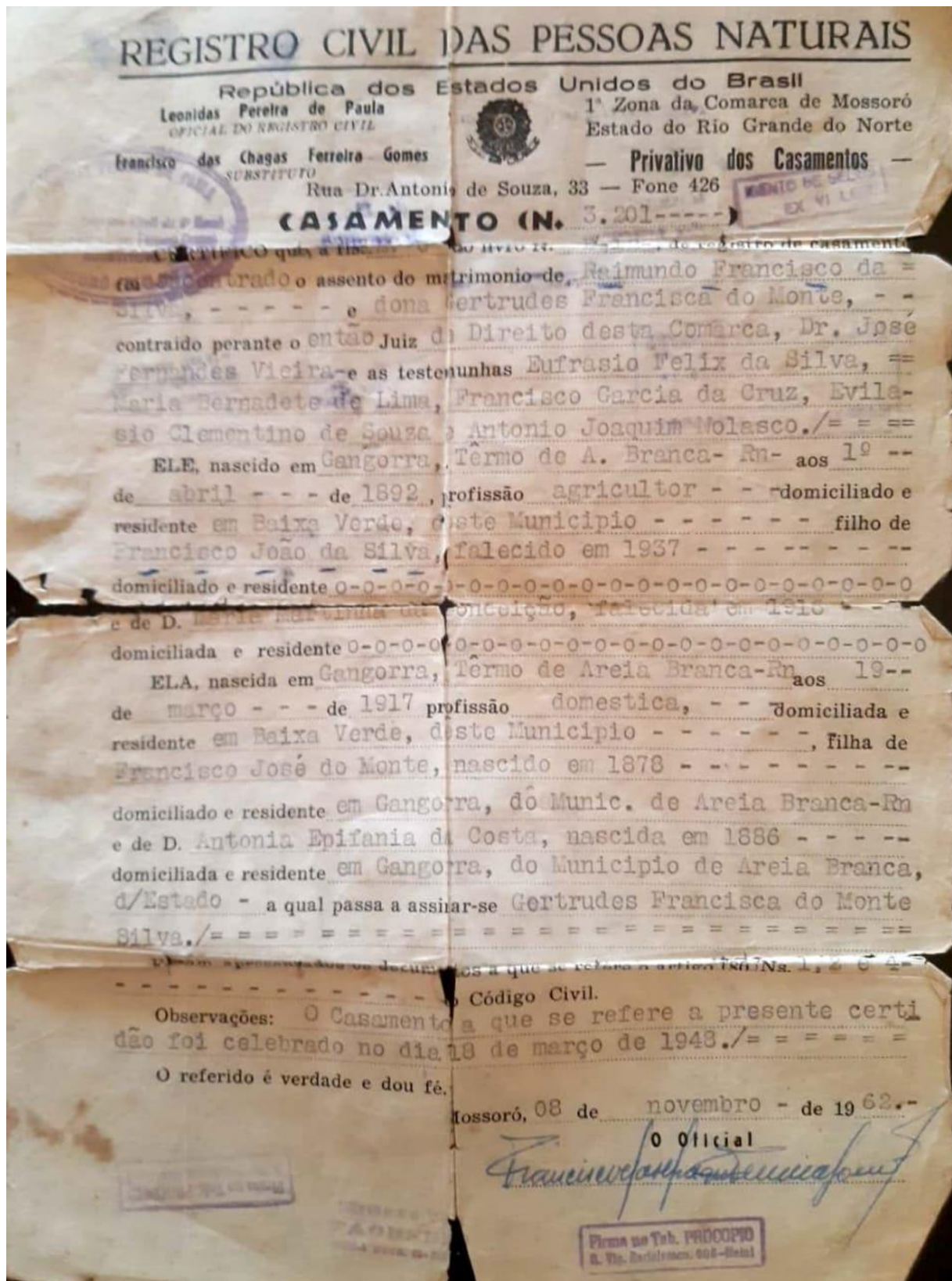
SOUZA, P. C. A; AMARAL, D. M. Caminhando com os invisíveis: características da pesquisa em processos educativos e práticas sociais. **Políticas Educativas**. Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 96-113, 2009.

VALLA, V. V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 177-190, jul./dez. 1996.

VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

ANEXOS

Anexo 2: Certidão de casamento



Fonte: Arquivo pessoal de moradora da Comunidade Gangorra, Tibau/RN

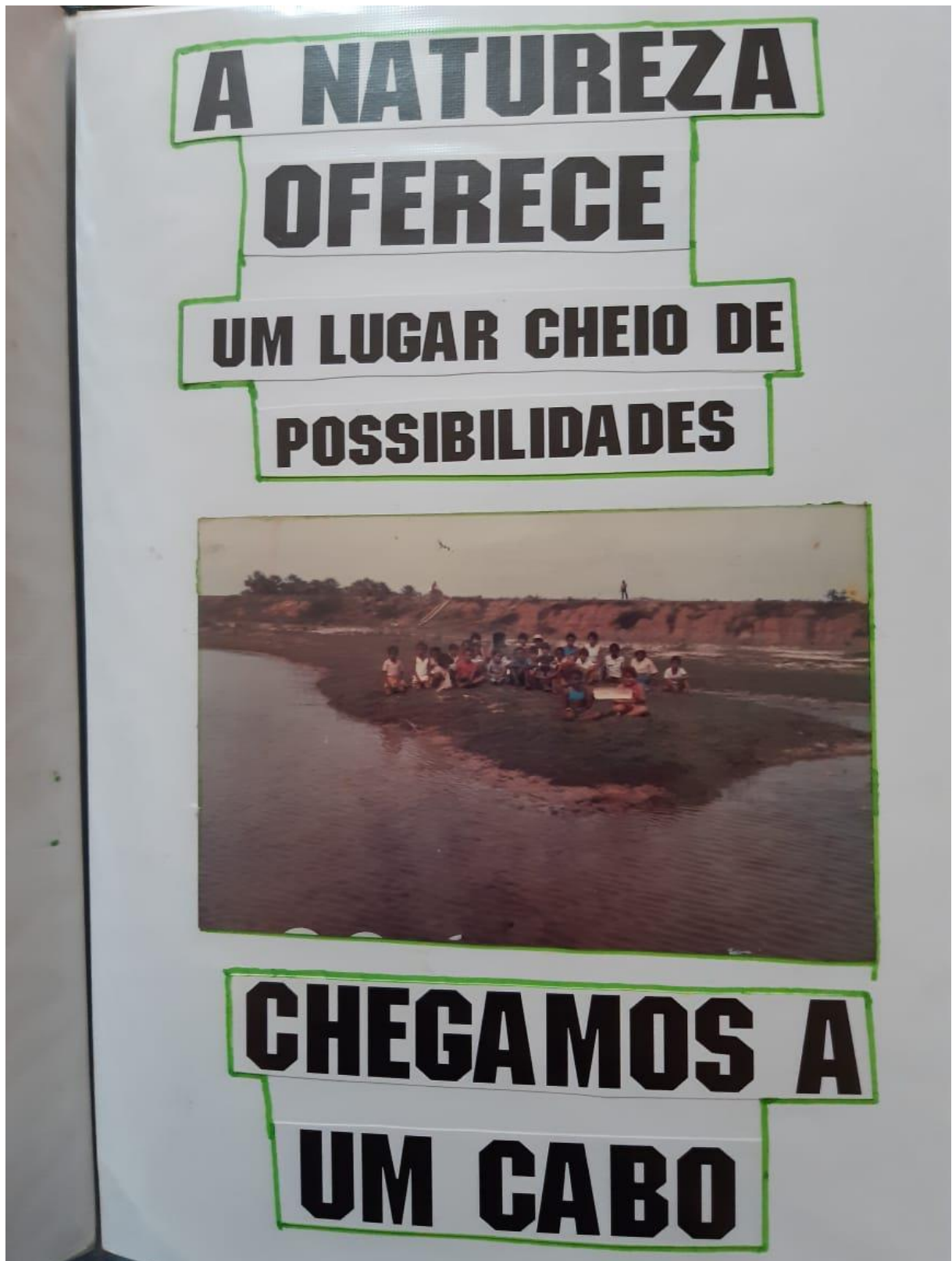
Anexo 3: Fotografias de paisagens da Comunidade da Gangorra, Tibau/RN

Foto do açude em Gangorra



Arquivo: professora aposentada da Comunidade de Gangorra, Tibau/RN

Foto em atividade escolar sobre a Comunidade de Gangorra, Tibau/RN



Arquivo: professora aposentada da Comunidade

Foto em atividade escolar sobre a Comunidade de Gangorra, Tibau/RN



RECORDAÇÃO

OLHANDO AS ÁGUAS RECORDO
O MEU SAUDOSO TORRÃO DOS
PROFUNDOS MERGULHOS QUE
DAVA NA LAGOA DO SALÃO.

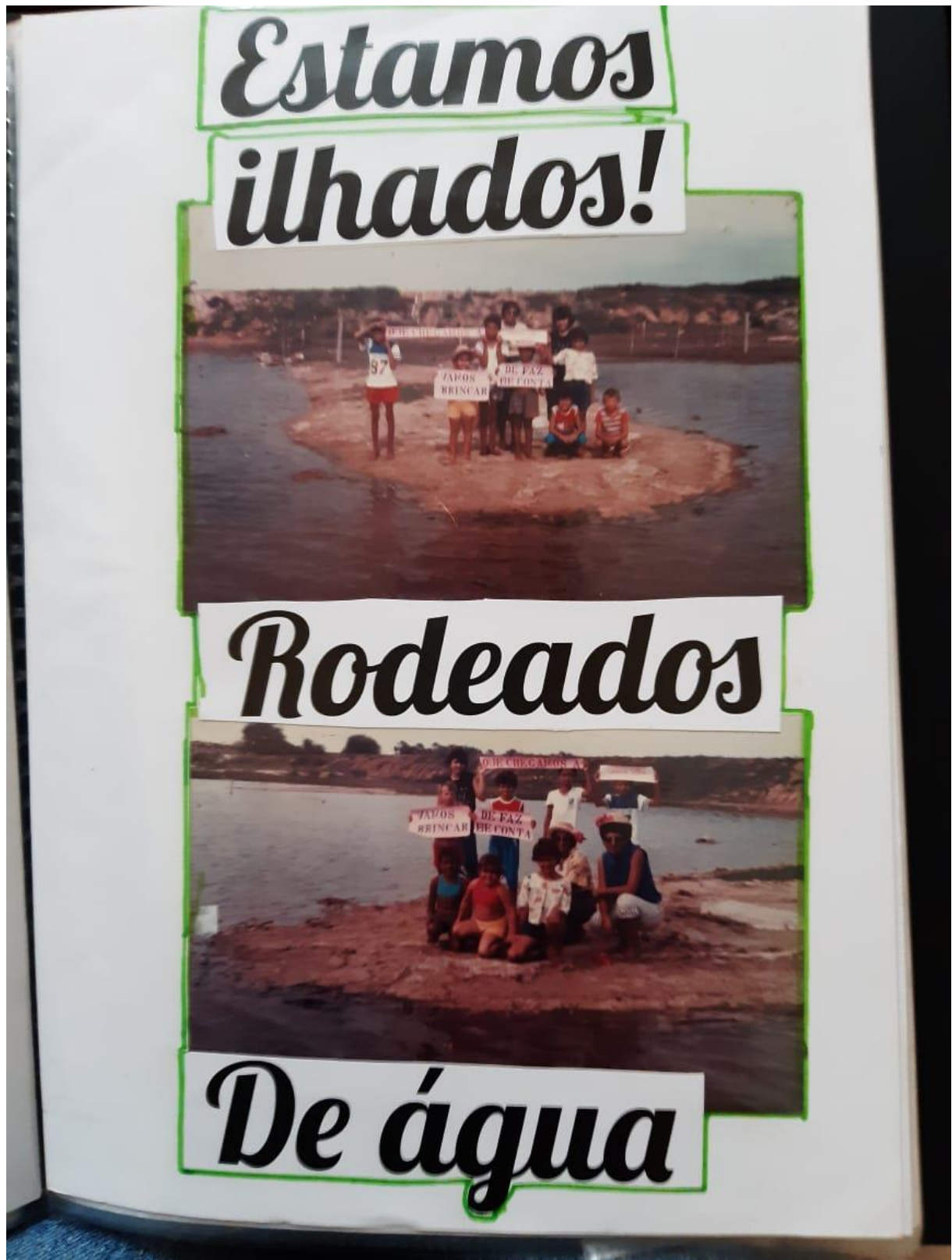
LAGOA SERENA EU NADAVA
NEM PODIA TOMAR PÉ.
QUASE MORRI QUANDO SALVA
A UMA AMIGA QUE PEGA A FLOR DO AGUAPÊ.

A FLOR ERA PRA FAZER ROSÁRIO
DEPENDURA-LA NO PESCOÇO
ESTAS PÁGINAS SÃO MARCANTES
NO MEU DIÁRIO DOS TEMPOS QUE FUI MOÇA.

ALDENÔRA

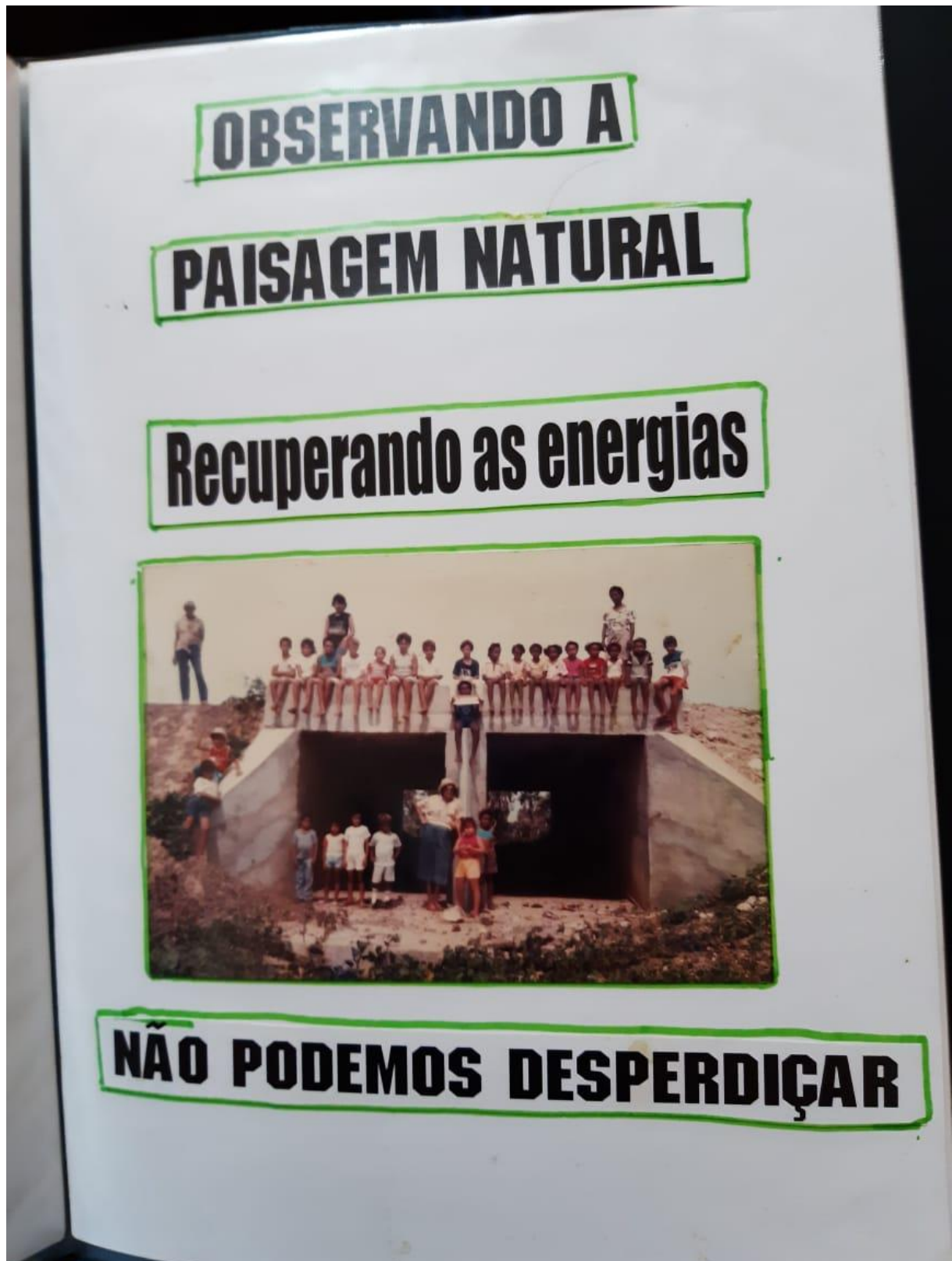
Arquivo: professora aposentada da Comunidade

Foto em atividade escolar sobre a Comunidade de Gangorra, Tibau/RN



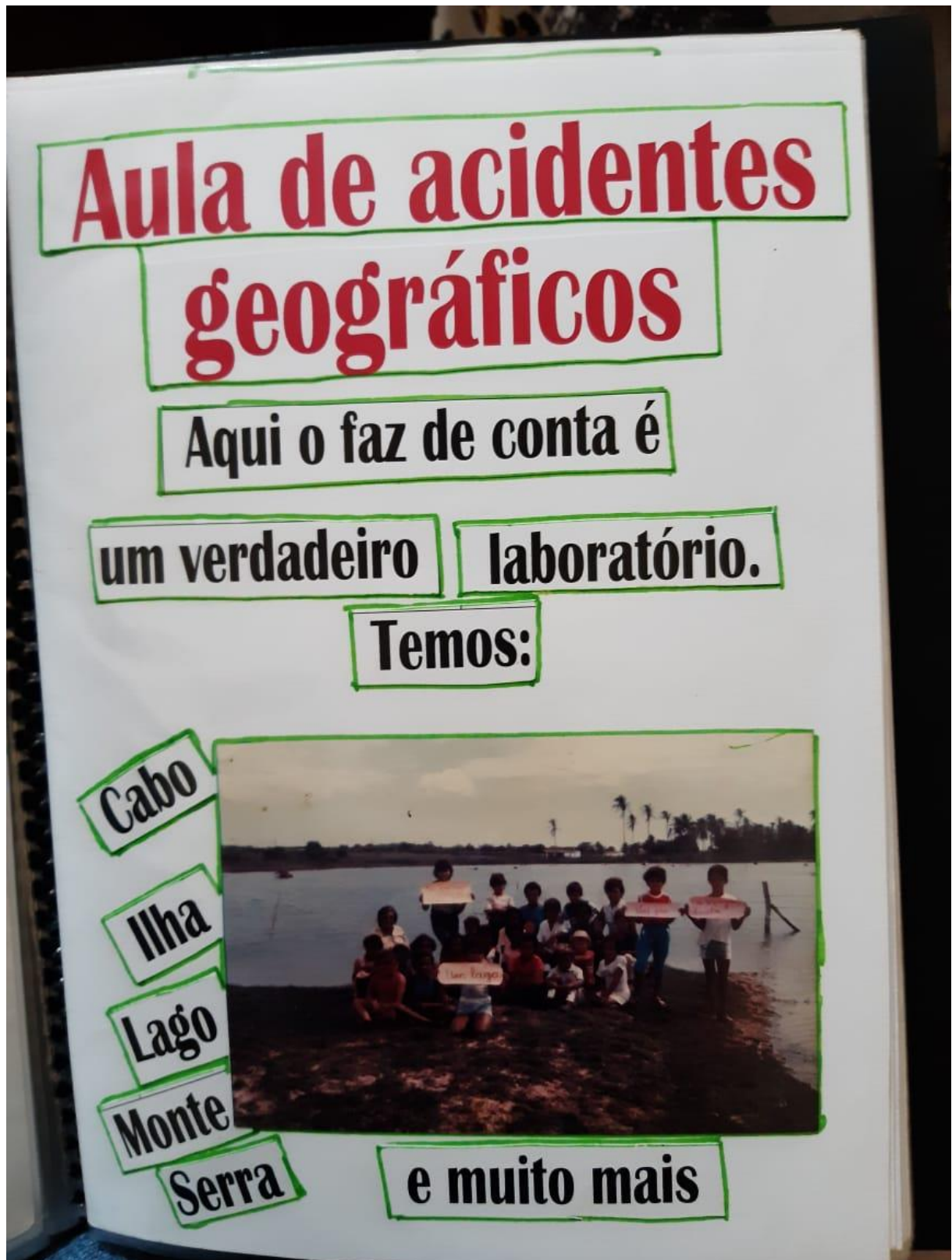
Arquivo: professora aposentada da Comunidade

Foto em atividade escolar sobre a Comunidade de Gangorra, Tibau/RN



Arquivo: professora aposentada da Comunidade

Foto em atividade escolar sobre a Comunidade de Gangorra, Tibau/RN



Arquivo: professora aposentada da Comunidade